



O Destino de uma Nação

Notas de Produção

Tempo de exibição: 125 minutos

O Destino de uma Nação

ELENCO

Winston Churchill	Gary Oldman
Clemmie Churchil	Kristin Scott Thomas
Elizabeth Layton	Lily James
Visconde de Halifax	Stephen Dillane
Neville Chamberlain	Ronald Pickup
Rei George VI	Ben Mendelsohn

PRODUÇÃO

Diretor	Joe Wright
Produção ..	Tim Bevan, Eric Fellner, Lisa Bruce, Anthony McCarten, Douglas Urbanski
Escrito por	Anthony McCarten

Tempo de exibição: 02:05

O Destino de uma Nação

Índice

I.	Sinopse	página 4
II.	Palavras e Contexto	página 5
III.	Transformador	página 9
IV.	A Voz e o Hábito	página 15
V.	As Mulheres por Trás do Homem	página 18
VI.	Contemporâneos	página 22
VII.	Preparação das Cenas	página 26
VIII.	Seguindo os Passos	página 30
IX.	Hora da Atitude	página 32
X.	Sobre o Elenco	página 34
XI.	Sobre a Equipe de Produção	página 43
XII.	Elenco e Créditos	página 58

O Destino de uma Nação

Sinopse

Gary Oldman, ator indicado para o Oscar® e ganhador do prêmio BAFTA™ é o astro de O Destino de uma Nação, do diretor premiado com o BAFTA™ Joe Wright, um relato inspirado na história verdadeira das primeiras semanas de Winston Churchill empossado no início da Segunda Guerra Mundial. O roteiro original de Anthony McCarten (também indicado para o Oscar®) revela o homem que havia por trás do ícone.

Churchill é um brilhante e bem-humorado estadista, membro de destaque do Parlamento, mas, aos 65 anos de idade, é pouco provável que seja candidato a Primeiro Ministro. Entretanto, a situação na Europa é desesperadora. Nações aliadas continuam sendo derrotadas pelas tropas nazistas, e todo o exército britânico está isolado na França. Churchill, então, é nomeado ao cargo com urgência em 10 de maio de 1940.

As tropas de Hitler estão prestes a invadir o Reino Unido e 300.000 soldados britânicos estão encurralados em Dunkirk, Churchill descobre que seu próprio partido planeja contra ele, e o Rei George VI (interpretado por Ben Mendelsohn, ganhador do prêmio Emmy®) não acredita que seu novo primeiro ministro seja capaz de lidar com a situação. Ele se vê diante da mais terrível decisão: negociar um tratado de paz com a Alemanha nazista e salvar o povo britânico a um custo altíssimo ou continuar lutando com pouquíssima chance de vitória.

Com apoio de sua esposa de 31 anos, Clemmie (interpretada por Kristin Scott Thomas, indicada para o Oscar®), Churchill busca inspiração no povo britânico e decide lutar pelos ideais da nação: liberdade e independência. Ele terá que pôr à prova o poder das suas palavras com um teste supremo, com ajuda da sua incansável secretária (interpretada por Lily James), e escrever e pronunciar discursos que vão unir a nação. Churchill enfrenta seu próprio momento de prova e tenta alterar para sempre o curso da história mundial.

A Focus Features apresenta, em parceria com a PERFECT WORLD PICTURES, uma produção da Working Title; um filme de Joe Wright: com Gary Oldman, O Destino de uma Nação. Com Kristin Scott Thomas, Lily James, Stephen Dillane, Ronald Pickup e Ben Mendelsohn. Direção de elenco de Jina Jay. Música de Dario Marianelli. Próteses, maquiagem e cabeleireiro de Gary Oldman feitos por Kazuhiro Tsuji. Maquiagem e cabeleireira: Ivana Primorac. Figurinos de Jacqueline Durran. Montagem de Valerio Bonelli. Design de produção de Sarah Greenwood. Direção de Fotografia de Bruno Delbonnel, AFC, ASC. Produção executiva de Lily James Biddle, Lucas Webb e Liza Chasin. Roteiro de Anthony McCarten. Produção de Tim Bevan, Eric Fellner, Lisa Bruce, Anthony McCarten e Douglas Urbanski. Direção de Joe Wright.

O Destino de uma Nação

Sobre a Produção

Palavras e Contexto

Em dias de sombra e noites de trevas, quando a Grã-Bretanha estava solitária e a maioria dos homens exceto os ingleses não mais acreditava na Inglaterra, ele mobilizou a língua inglesa e a enviou em batalha. A característica incandescente de suas palavras iluminou a coragem de seus compatriotas.

– Presidente John F. Kennedy, 1963

“Palavras podem mudar e, de fato, mudam o mundo. Foi exatamente o que aconteceu no período de Winston Churchill, em 1940”, proclama o roteirista e produtor premiado com o BAFTA™ Anthony McCarten. “Ele estava sob intensa pressão política e pessoal, mas foi impulsionado a grandes alturas em muito poucos dias – várias e várias vezes.”

Havia muito tempo que Anthony McCarten tinha grande interesse pela vida do lendário estadista, e, como tantos outros, encontrou inspiração nos seus discursos e oratória. Seu mais recente roteiro, de A Teoria de Tudo (indicado para o Oscar®), explorou outro homem ilustre, Stephen Hawking, cujas palavras mudaram o mundo mesmo quando ele já não podia mais falar. Anthony McCarten se viu muito interessado no intenso período “de 10 de maio a 4 de junho, durante o qual Winston Churchill transformou carvão em diamantes”.

Os alicerces do seu roteiro original de O Destino de uma Nação tomam como base três discursos que Churchill escreveu e pronunciou entre maio e junho de 1940.

É comum se dizer que os primeiros dias e semanas em um cargo são difíceis. Para este homem de 65 anos de idade, ser nomeado primeiro ministro de Grã-Bretanha, em 10 de maio de 1940, aconteceu quando praticamente tudo que era possível já estava em jogo. As Forças Aliadas já estavam em guerra com Adolf Hitler, e várias democracias já haviam sucumbido à campanha nazista. A Grã-Bretanha estava à beira de um precipício. O dilema era ter nervos de aço e entrar com tudo no conflito ou recuar completamente diante da guerra, com consequências inconcebíveis para a soberania britânica.

Anthony McCarten esclarece: “A questão era se a Inglaterra deveria lutar sozinha e talvez sofrer a destruição de suas forças armadas ou até mesmo da nação, ou escolher a segurança – que era a preferência do Visconde de Halifax e do então primeiro ministro Neville Chamberlain – de assinar um tratado com Hitler. Churchill teve que entrar nesse conflito e se viu em desacordo com os poderes estabelecidos.

“É uma história do passado, mas que ainda é importante aqui e agora. Hoje em dia, nossos ‘líderes’ muitas vezes são seguidores. Aquelas decisões, feitas em menos de um mês, tiveram ramificações mundiais.”

Muitas vidas também estiveram em jogo durante maio e junho de 1940, quando mais de 200.000 soldados britânicos – toda a Força Expedicionária do Reino Unido – ficaram presos no litoral de Dunkirk, França, aguardando resgate e evacuação.

Ao pesquisar, Anthony McCarten encontrou a minutas das reuniões do Gabinete de Guerra de Churchill. Ele observa: “Elas revelaram um período de incerteza, algo que não levamos em conta considerando sua robusta liderança. Churchill sabia que ele tinha feito escolhas erradas no passado, certamente durante a Primeira Guerra Mundial, com a Batalha de Gallipoli.

“Pedestais são feitos para estátuas, não para pessoas, e uma leitura atenta das minutas revela não apenas um líder em maus lençóis, sob ataque de todos os lados e incerto de qual direção deveria tomar, mas também o quanto o país estava perigosamente próximo de assinar um acordo de ‘paz’ com um inimigo que, se não fosse detido, teria transformado o mundo para sempre.”

Anthony McCarten diz: “No fim das contas, o roteiro de O Destino de uma Nação tomou forma mediante estudo dos métodos de trabalho, qualidades de liderança e linhas de raciocínio. Churchill realmente acreditava que as palavras importavam, e recorreu à caneta para ajudá-lo – e seu país – a enfrentar uma ameaça aterrorizante.

“Durante esse processo, surgiu um homem dos mais ilustres.”

Anthony McCarten estabeleceu para si mesmo um cronograma de trabalho concentrado, de acordo com o próprio período histórico retratado. Em oito dias, havia produzido 16 páginas. Quando o projeto estava sendo concluído, ele mostrou o material para a produtora Lisa Bruce (indicada para o Oscar® e premiada com o BAFTA™), com quem havia feito A Teoria de Tudo.

Lisa Bruce observa: “Li o script e percebi imediatamente que o Anthony estava, mais uma vez, desenhando um retrato íntimo do aspecto humano de um ícone. Todos nós aprendemos sobre a Segunda Guerra Mundial e talvez pensemos que lembramos mais do que lembramos de verdade, então o Anthony acrescentou informações contextuais suficientes ao script. Mesmo que alguém não saiba tudo sobre esse período, pode seguir claramente o que acontece no mundo que Churchill habitava.

“Em O Destino de uma Nação, embora sua bem conhecida inteligência e perspicácia estejam bem evidentes, ele é visto aqui de uma maneira diferente. O Anthony se concentrou em um momento extremo do tempo que transmite, de forma poderosa, a visão e a voz de Churchill como líder e sua capacidade de avaliar o que realmente importava. Churchill conseguiu ignorar o ruído e angariar o apoio das pessoas, mesmo em oposição a membros do partido. Ele convenceu todo mundo a resistir e lutar contra

Hitler, com compreensão da ameaça e uma visão mais ampla, muito mais ampla de toda a situação.”

Ela acrescenta: “Mesmo décadas depois, O Destino de uma Nação é pertinente porque há um vácuo de liderança nos dias de hoje. Queremos alguém que assuma a liderança como fez Churchill. O título do filme em inglês (The Darkest Hour – A hora mais sombria, em tradução livre) vem de sua própria avaliação daquele período como o maior desafio que ele enfrentou. Toda a sua vida – que já era impressionante – estava destinada a culminar nesse momento.”

Enquanto Anthony McCarten entregava mais páginas, Lisa Bruce trabalhava para levar o projeto adiante, mostrando-o para os produtores que trabalharam com ela em A Teoria de Tudo: Tim Bevan e Eric Fellner, da Working Title Films, indicados para o Oscar® e ganhadores do prêmio BAFTA™.

Eric Fellner percebeu que a história de “estadista vitorioso sob pressão” agradaria um dos principais parceiros criativos da Working Title, o diretor Joe Wright (premiado com o BAFTA™). A firma de produção e o diretor já haviam tido, entre outros projetos, uma boa parceria em Desejo e Reparação, com suas inesquecíveis cenas da Segunda Guerra Mundial.

Joe Wright observa: “Nosso relacionamento cresceu e se desenvolveu. Sempre tivemos uma maravilhosa atitude positiva na Working Title: aqui está o script, aqui está o diretor e aqui estão os atores. Agora, vamos fazer um filme! E fazemos mesmo.”

O instinto de Eric Fellner estava correto, e Joe Wright relata: “Fiquei profundamente envolvido imediatamente. Era um material excelente, puro drama. Sempre achei que a Segunda Guerra Mundial foi o alicerce do século 20. Tudo mudou com ela.

Se a plateia de hoje se interessa por um ícone daquela época como ser humano, então suas qualidades de liderança são ainda mais inspiradoras.”

Depois que se comprometeu com o projeto, Joe Wright trabalhou intensamente no progresso do script. Anthony McCarten relata: “O Joe se tornou um parceiro no processo. Passei muitas semanas com ele examinando cada linha do script. Devo ter ido à casa dele umas 20 vezes, e, em todas as vezes, ele me recebia dizendo: ‘Que bom ver você! Então, vamos lá: página um...’

“Esse rigor e exame de cada momento certamente aperfeiçoou muito o roteiro.”

Joe Wright observa: “Concebi este filme como um filme para o mundo, não apenas para o público britânico.

Todos nós já vimos filmes sobre líderes. O tema de O Destino de uma Nação é a dúvida, uma crise de confiança. É um filme muito envolvente porque é sobre um homem que é uma lenda e se eleva acima das dificuldades que todos nós já enfrentamos.”

Lisa Bruce observa: “Aprendi muito com o Joe durante a produção deste filme. O Joe tem uma abordagem muito visual. Ele tem a história toda na cabeça e sabe que reações emocionais quer causar na plateia.”

Considerando-se o fator de intimidação para um ator que interpreta um ícone, os cineastas logo imaginaram que a escolha do elenco seria difícil.

Anthony McCarten reflete: “Eu esperava que um ponto de vista revisionista pudesse fazer parte do projeto. Eu queria ver um ator que recalibrasse completamente a nossa ideia de quem foi Winston Churchill, e imaginei um ator do calibre de Gary Oldman.”

Com efeito, sempre que o nome do ator é mencionado, é fácil pensar em toda uma geração de atores que aspirou a uma carreira como a sua.

Mas Eric Fellner achou melhor ir direto à fonte: o próprio Gary Oldman, que começou sua carreira no cinema em 1986, fazendo *Sid e Nancy – O Amor Mata*, seu primeiro longa-metragem.

Transformador

Douglas Urbanski, vencedor do prêmio BAFTA™ e parceiro de produção de Gary Oldman de longa data, comenta: “Fazer um filme sobre Winston Churchill desafia a lógica a menos que se examine um incidente ou momento específico, e é isso que faz *O Destino de uma Nação*.”

“Quando Eric Fellner começou a reunir pessoas para conversar sobre o projeto, percebemos que valeria mesmo a pena, que seria um filme que não só iria entreter as pessoas, mas também as faria parar para pensar sobre a ressonância da história.”

Joe Wright diz: “Quando me disseram que Gary Oldman interpretaria Winston Churchill, pensei: ‘Mal posso esperar para testemunhar essa atuação.’ É o meu ator favorito desde quando eu era adolescente: *Sid e Nancy*, *O Amor Não Tem Sexo*, *A Firma...*”.

Mas estaria um ator que já encarnou figuras da vida real como Sid Vicious, Beethoven e Lee Harvey Oswald disposto a interpretar Winston Churchill?

Gary Oldman comenta: “Sempre fui fascinado por Churchill, pois ele foi, realmente, nosso maior estadista. Mesmo assim, não é alguém que eu pretendesse interpretar. Na verdade, eu teria rejeitado essa ideia se ela tivesse aparecido anos atrás.

Não se trata de um problema psicológico nem intelectual, é um problema físico. Veja bem, basta olhar para mim e para ele...”

Ainda assim, ele admite: “Com as pessoas que estavam participando do projeto, acabei ficando mais propenso a aceitar.

“O que me agradou no maravilhoso script do Anthony é que não é uma espécie de biografia. Ele dramatiza algumas semanas cruciais da nossa história e não sai disso, então não teríamos que transitar pelo tempo, e eu não teria que envelhecer.”

O Destino de uma Nação teve um apelo ainda mais elementar para Gary Oldman, que admite: “Eu queria dizer aquelas palavras. Os discursos do Churchill – que ele mesmo escrevia – estão entre os melhores da língua inglesa. Ele era notável porque não apelava para expressões pernósticas nem metáforas ou imagens mentais. Ele podia usar se fosse necessário, mas entendia as pessoas com quem falava diretamente, e falava de um jeito com que as palavras atingissem em cheio o coração da nação.

Ao mesmo tempo, ele enfrentava adversidade. Seu próprio governo não o queria. Havia conflitos internos no Gabinete de Guerra, e Churchill temia pelas vidas dos milhares de homens que estavam presos em Dunkirk. Estar submetido a tamanha dificuldade, sob aquela pressão, e elaborar alguns dos maiores discursos da língua inglesa... foi uma coisa milagrosa.”

O Destino de uma Nação foi uma prova de fogo para um dos princípios de Gary Oldman. Ele observa: “Tudo começa com a voz. Tive que me convencer de que eu podia

ter a voz do Churchill. Então peguei um dos seus discursos e um gravador, e comecei a fazer experiências.

Em seguida, pesquisei material escrito além do roteiro, a fim de aprender sobre o homem que enfrentou um tirano. Eu queria compreender seu lado psicológico e intelectual. Quis construí-lo pedaço por pedaço.”

Douglas Urbanski observa: “O script só cobre algumas semanas específicas, mas o Gary quis ler tudo que pôde sobre ele e absorver tudo que podia sobre Churchill.”

Dr. Larry P. Arnn, historiador e biógrafo de Churchill, recomendou a Gary Oldman o que o ator considerou “leitura essencial”. Ele diz: “Aquilo realmente ajudou, porque deve haver uns 1.000 livros sobre ele. É possível poderia passar anos lendo sobre o homem!”

Douglas Urbanski comenta: “Dr. Arnn e nosso consultor histórico, Phil Reed, examinava tudo que enviávamos para eles, para ser verificado. Eles também visitavam o set sempre que pedíamos.”

Gary Oldman relata: “Prossigui com o trabalho vocal e vi uma quantidade enorme de documentários, que revelaram um homem de 65 anos de idade com muita energia e motivação.”

A estimada carreira e conquistas de Churchill, inclusive seus feitos heroicos durante a Guerra dos Bôeres, são bem documentadas. Mas Gary Oldman ainda se viu muito impressionado ao contabilizar suas realizações. Ele enumera: “Mais de 50 anos no governo. 50 livros escritos – e o prêmio Nobel de Literatura. Condecorado em quatro guerras. 500 pinturas, com 16 exposições na Academia Real.

Como teria sido o mundo sem ele? Ninguém chega perto de tudo que ele fez. Ainda não existe ninguém como ele.”

Gary Oldman achou que sabia o que precisava sobre o homem, mas o aspecto físico ainda lhe causava apreensão. Ele diz: “Eu achava que só poderia fazer o papel depois que não apenas ouvisse o homem, mas também o sentisse fisicamente, seu modo de se movimentar... e tinha que ser capaz de me olhar no espelho e vê-lo ou, pelo menos, ver o seu espírito me olhando de volta.

Achei que Kazuhiro Tsuji era a pessoa – a única pessoa – que poderia me ajudar a chegar onde eu queria. O Kazu é como Picasso naquilo que faz.”

Reconhecido na indústria do cinema como autor de um trabalho incomparável na área das próteses, Kazuhiro Tsuji já foi indicado duas vezes para o Oscar® em seus vinte e cinco anos de carreira em maquiagem com efeitos especiais. Mas ele havia se aposentado da indústria do cinema em 2012 para se dedicar a escultura hiperrealista contemporânea.

Gary Oldman abordou Kazuhiro Tsuji pessoalmente. O artista recorda: “O Gary me disse que só faria este filme se eu também fizesse. Eu argumentei, mas não pude recusar. Ele é diferente da maioria, ele entende e aprecia os processos de próteses e maquiagem.”

A equipe de produção ficou muitíssimo aliviada quando soube que Gary Oldman havia convencido Kazuhiro Tsuji a participar e interpretar o grandioso papel.

Kazuhiro logo avaliou itens necessários para o seu planejamento. Ele admite: “Foi bem difícil a ideia de criar um rosto do qual todo mundo já tem sua própria imagem. A parte mais difícil foi que as proporções e tamanhos de cabeça são inteiramente diferentes. O Gary tem uma cabeça oval, e Churchill tinha um rosto mais compacto e redondo. Os olhos do Gary são próximos um do outro, e os do Churchill são inteiramente opostos. Tive que lidar com essas restrições.

“Mas, com a arte de maquiagem, quando o ator põe a alma no trabalho, ele pode se tornar a pessoa que queremos criar.”

O trabalho com próteses, maquiagem e cabelo exigiu criatividade. Logo no início, todos perceberam que teriam que encontrar “algo que fosse híbrido, como um cruzamento”, diz Gary Oldman. “Tinha que ser Churchill e Gary ao mesmo tempo. O rosto tinha que ser algo com que eu pudesse trabalhar.”

Foram precisos seis meses de desenvolvimento e testes para se chegar ao equilíbrio certo: provar, esculpir, aplicar, ajustar, adicionar e remover. O processo foi muito trabalhoso e evoluiu enquanto Anthony McCarten continuava revisando o script e Joe Wright seguia com sua própria pesquisa e formação de uma equipe.

Kazuhiro Tsuji tirou moldes de Gary Oldman – moldes reais, de corpo inteiro e da cabeça. “Fizemos cinco testes de maquiagem até encontramos o desenho que servisse. Um diretor tem que ter muito bom olho, mas Joe Wright realmente tem o olho apurado e nos orientou.”

Ivana Primorac, maquiadora e cabeleireira, ficou maravilhada com o processo. Ela já foi indicada seis vezes para o prêmio BAFTA™, é uma das parcerias favoritas de Joe Wright e foi escolhida pelo diretor logo no início da produção de O Destino de uma Nação. Ela diz: “É fácil trabalhar com a aparência de qualquer outra pessoa.

A silhueta de Churchill é muito característica, todo mundo a conhece, e nenhum ator pode interpretá-lo sem isso. O Gary precisava de uma silhueta que realmente encarnasse o aspecto físico do Churchill na fala e nos movimentos. Aos poucos, a transformação foi acontecendo, e, cada etapa, o desenvolvimento foi fantástico. O Kazu fez um trabalho incrível com o Gary. Eu nunca tinha visto nada parecido.”

Os moldes em tamanho real geraram um molde negativo que então foi usado na confecção de um molde “positivo”. Com base em fotografias e vídeos de Churchill na vida real, Kazuhiro esculpiu os contornos do estadista em argila por cima do molde

positivo. Depois, fez um molde do rosto, acrescentou borracha de silicone ao molde e o aplicou no rosto do ator. Perucas também foram feitas de acordo com o cabelo da figura ilustre. Assim, Gary foi recriado como Winston Churchill.”

Como a maquiagem prostética era feita de silicone, uma substância mole com acréscimo de fluidos especiais que a tornam mais maleável, o resultado foi uma textura de pele de aspecto realista que, quando aplicado ao rosto de Gary Oldman, reagia de acordo com seus movimentos faciais e lhe permitiam ser completamente expressivo através da maquiagem.

Certas partes ficaram sem pele prostética, principalmente a testa e os lábios de Gary Oldman. Testes revelaram que próteses nessas partes dificultavam as expressões faciais e impediam a atuação. Para manter sincronismo com as expressões faciais do ator, as próteses não podiam estar nem um milímetro fora de lugar.

Kazuhiro também confeccionou um corpo de espuma para Gary Oldman: “É como um traje de gordo falso, mas leve. Ele ajudou não só a forma do corpo, mas também a postura.”

Quando a produção começou, por volta de outubro de 2016, a aplicação completa da transformação visual já era uma ciência exata que consumia até três horas e meia todos os dias, e isso contribuiu para que Gary Oldman tivesse que trabalhar de 18 a 20 horas ao todo. Ele recorda: “Eu chegava ao estúdio às 3 horas da manhã para aplicar as próteses e a maquiagem. A roupa tomava mais meia hora, e a equipe chegava às 7 horas.”

Tudo isso levaria ainda mais tempo se Gary Oldman não tivesse tido a iniciativa de raspar completamente a cabeça, para que não fosse preciso “disfarçar” nenhum pedaço de cabelo.

Ele observa: “David Malinowski e Lucy Sibbick trabalharam comigo todos os dias, pintando e aplicando tudo de acordo com as instruções do Kazu. Era uma equipe incrível!”

A dupla usava as marcas naturais do rosto do ator como guias – pescoço, olhos e boca – pois cada linha era reproduzida dentro da máscara graças ao molde original. O rosto de Gary Oldman serviu de mapa para aplicação do personagem.

“A parte da cabeça era muito mole”, relata David Malinowski. “Era como segurar uma meia-calça com feijão cozido dentro, aquela coisa molenga que a gente tentava aplicar no rosto. Se não estivesse no lugar certo, ela caía e amassava.

Gary tinha muita fé nas aplicações diárias; depois que elas estavam prontas, ele podia se concentrar inteiramente em sua atuação. Para isso, Ivana Primorac e sua unidade verificavam a maquiagem o mínimo possível, e sempre levavam em consideração que o ator principal carregava cerca de metade do peso do próprio corpo em próteses e enchimento.

Remover as próteses levava duas horas todos os dias. Nunca podiam ser arrancadas de uma vez porque isso poderia danificar a pele do ator.

Joe Wright observa: “Enquanto filmávamos, era tudo real para mim. Eu esquecia completamente que o Gary usava próteses e maquiagem.”

A pele prostética tinha que ser retocada muitas vezes por David Malinowski, pois o rosto avermelhado de Winston Churchill tinha um emaranhado delicado de veias muito finas. O processo de pintura começava com a pele prostética com uma cor base de silicone. A partir daí, vários tons de pele podiam ser criados com os contornos esculpidos do rosto. Cada pinta do rosto tinha que ser pintada delicadamente. Depois que os tons de pele e as pintas eram adicionados, David Malinowski pegava os pincéis mais finos e pintava centenas de linhas vermelhas arroxeadas muito delicadas que imitavam as veias.

Diversos esforços tinham que ser usados para refletir imediatamente o momento do dia ou da noite além do estado físico de Churchill conforme cada cena, até a irritação de uma pele barbeada.

David Malinowski observa: “Tentamos criar um personagem que se parecesse com o real. Não queríamos que as pessoas olhassem para a tela e vissem a maquiagem. Em filmagem digital, a câmera revela mais, então é preciso ter muito cuidado para que os detalhes sejam o mais próximo da realidade quanto possível.”

A filmagem levou 54 dias e exigiu pelo menos o mesmo número de conjuntos completos de maquiagem prostética. O processo teve que ser repetido todos os dias sem descanso para Gary Oldman, e a equipe de maquiagem, cabelo e próteses teria esgotado todo mundo se não fosse o grau de compromisso e paciência de todos os envolvidos.

Kazuhiro Tsuji atravessou o Oceano Atlântico e visitou o set várias vezes. Ele diz: “Eu não olhava tanto para o Gary. Eu prestava mais atenção à sua maneira de interpretar a voz do Churchill. Era magnífico ver o rosto e ouvir a voz.”

Douglas Urbanski se admira: “O Gary impressiona muito no papel do Churchill. Embora sejam figuras históricas completamente diferentes, sua interpretação me remete a George C. Scott em *Patton – Rebelde ou Herói?* Meu queixo caiu quando o vi atuando.

O Gary tem tamanha capacidade de concentração que chegava ao set todos os dias com mais energia do que qualquer outra pessoa. Ele era quem deveria ter menos, mas superava todo mundo.”

“No fim das contas”, conclui Gary Oldman, “este foi o trabalho mais difícil que eu já tive como ator.

Mas também foi o mais libertador. Eu mal podia esperar para chegar no trabalho e ser Winston Churchill. Eu ia todos os dias pensando que tinha muita sorte de estar fazendo aquilo.”

A Voz e o Hábito

Os discursos de O Destino de uma Nação que Winston Churchill fez em maio e junho de 1940 nunca perderam sua força, simbologia, nem a capacidade de inspirar. Winston Churchill foi um dos oradores mais influentes do século 20. Seus discursos mobilizaram uma nação e continuam sendo citados, regurgitados e adaptados. Suas palavras transcendem o tempo e o espaço – e, agora, o ciberespaço. Basta visitar qualquer site de citações da Internet para se constatar a presença em destaque das palavras de Winston Churchill.

Joe Wright diz: “Em O Destino de uma Nação, descrevemos discursos excepcionais e as circunstâncias excepcionais que moldaram suas palavras.

O que as pessoas nem sempre lembram é que Churchill começou como jornalista. Escrever foi seu primeiro grande talento, e um talento que iria lhe servir muito bem.”

Anthony McCarten acrescenta: “Ele era um escritor antes de ser qualquer outra coisa, e suas palavras tiveram um legado duradouro.”

Embora os vários meses de preparações de Gary Oldman para o papel tenha começado com a voz, seus colegas ficaram espantados quando o ator chegou à locação falando exatamente como Churchill, desde o sotaque até o dialeto.

Gary havia notado uma coisa que passara despercebida por muitos ouvidos treinados. Ele relata: “Enquanto ouvia os discursos de Churchill – não apenas os que aparecem no filme – descobri que ele tinha língua presa. Ele também era nasalado, tinha uma voz meio esganada. Tive que decidir quando deveria incorporar esses detalhes ou não.”

Joe Wright sabia como Gary Oldman estava desenvolvendo seu trabalho, mas manteve em segredo, como parte da confiança entre diretor e ator. O ator havia-lhe enviado algumas das primeiras gravações para serem avaliadas. Joe Wright recorda: “Eu estava no Reino Unido e o Gary estava em Los Angeles. Ele gravava a si mesmo fazendo um dos discursos no saguão, a fim de obter as condições ideais de acústica e eco, e enviava essas gravações para mim. Era como se eu estivesse ouvindo o Churchill.

Mas não era uma imitação. O Gary pesquisou bem a maneira com que o Churchill falava.”

Também foi vital para a interpretação de Gary Oldman o detalhe do figurino: “É uma coisa muito pessoal, porque é o que o ator toca.”

Enquanto Gary trabalhava por meio das próteses e da voz, o figurino seria, por natureza, um elemento externo. Nesse caso também, o detalhe da continuidade e atenção à estética foi de grande importância para a equipe.

Jacqueline Durran, veterana de filmes de Joe Wright e vencedora do Oscar®, fazia roupas para Gary Oldman pela primeira vez desde *O Espião que Sabia Demais* (lançamento da *Working Title*), e com um aspecto físico muito diferente.

“Minha confiança nela é implícita, e é um grande prazer trabalhar com ela”, diz Gary Oldman. Joe Wright acrescenta: “A Jacqueline, Deus a abençoe, abordou *O Destino de uma Nação* com a mesma paixão e entusiasmo com que trabalhou nos nossos outros filmes, ainda que, desta vez, o trabalho tenha tido muitos homens de ternos pretos!”

Na verdade, Jacqueline Durran dedicou tempo extra ao seu trabalho com Gary Oldman, Joe Wright, e Kazuhiro Tsuji em *O Destino de uma Nação*, um período de seis meses antes mesmo do começo da filmagem.

Ela observa: “Quando tive que vestir Winston Churchill, o principal era examinar bem o que ele usava e tentar reproduzir o seu estilo com precisão.

Decidi dar ao Gary as ferramentas necessárias para que ele pudesse ser o Churchill que queria ser, e criar o conceito visual de que o Joe precisava.”

Gary recorda: “Havia coisas muito específicas: o charuto, o relógio, o anel, os óculos e os chapéus. Ele gostava de chapéus.”

Os chapéus de Churchill foram feitos e providos exclusivamente pela Lock & Co. Hatters, loja de chapéus mais antiga do mundo. Foi fundada em 1676 e já forneceu chapéus para pessoas do mundo todo, como Lorde Nelson e David Beckham. A produção foi diretamente à fonte. “Foi como visitar a história”, diz Gary.

Jacqueline Durran acrescenta: “O Gary trabalhou com os chapéus em sua caracterização. Ele tem um Homburg, um Cambridge, e uma cartola. Havia também um boné de marinheiro e um fez, mas acabamos não usando.”

Para obter os ternos, a produção procurou a alfaiataria original de Churchill. A Henry Poole & Co. Tailors of Savile Row foi fundada em 1806 e fazia as roupas de Winston Churchill. Gary Oldman diz: “Usar as roupas do Churchill foi uma experiência mais tátil para mim do que interpretá-lo.”

Outros complementos da caracterização foram os charutos Cohiba Siglos e o relógio de bolso feito pela Montres Breguet. Os sapatos foram o último detalhe e a única exceção à regra; tiveram que ser feitos sob encomenda, pois o fornecedor original de Churchill já não existia mais.

Gary brinca: “Era como um lutador se preparando, enrolando a faixa nas mãos, os rituais de se aprontar para a batalha. Assim que o rosto e as roupas estavam arrumados, pronto, eu era o Churchill.”

O trabalho visual e vocal de um ator só funciona até certo ponto. O teste final vem com a atuação.

No set, Lisa Bruce teve medo: “A todo momento, eu me sentia como se estivesse da pessoa de verdade. O Gary utiliza os olhos, a postura, os movimentos e recria Churchill de maneira profunda.

O incrível trabalho de maquiagem e próteses nos leva até a porta. Mas é Gary Oldman quem nos leva para dentro de tudo que é Winston Churchill.”

Joe Wright viu que a comunicação com seu astro adquiriu dimensões surpreendentes. O diretor diz: “Em O Destino de uma Nação, o Gary foi meu parceiro, porque ele mesmo é um diretor. Violento e Profano é uma obra extraordinária. Pude conversar com ele sobre os mecanismos de se fazer um filme de uma forma que, normalmente, não é possível com atores.

Neste trabalho, eu realmente levei em consideração que ele simplesmente poderia ter dirigido e eu poderia ter feito outra coisa. Mas o Gary é um excelente colaborador. Ele quer conversar e quer encontrar uma direção. Assim, fazemos O Destino de uma Nação juntos foi verdadeiramente excitante.”

Gary acrescenta: “Já houve filmes em que eu trabalhei e não conhecia nem sequer havia falado com o diretor até o dia da filmagem. Trabalhar com Joe foi uma experiência muito boa, e muito completa, desde o trabalho com o script desde o início até a atmosfera que ele cria no set. O Joe tinha um conceito elaborado para O Destino de uma Nação.”

As Mulheres por Trás do Homem

Como diz o ditado, por trás de todo grande homem existe uma mulher ainda maior. A mulher mais importante na vida de Winston Churchill durante aquelas quatro semanas intensas do início de 1940 foi Clementine, conhecida como Clemmie, com quem ele já estava casado havia 31 anos. Ele dizia que casar-se com ela foi sua conquista mais brilhante.

Clemmie era sua confidente, sua consciência e sua crítica. A pessoa em quem Churchill confiava mais do que qualquer outra. Joe Wright revela: “A Clemmie era tão parceira de Churchill na política quanto na vida doméstica. Ela era mais progressista que o Churchill e, muitas vezes, defendia causas progressistas. Às vezes, ele a ouvia. Não sempre. Mas ela sempre fazia parte do seu processo de decisão.”

Para interpretar Clemmie, era preciso alguém que pudesse transmitir classe e distinção, inteligência e inteligência aguçada. “Quem seria melhor do que a Dama Kristin Scott Thomas?” diz Eric Fellner.

Joe Wright concordou que a atriz (indicada para o Oscar®) seria perfeita para fazer par com Gary Oldman na tela. “A gente *escuta* a Kristin sempre que ela fala”, ele observa. “Sempre quis trabalhar com ela, e acho até que tenho uma queda por ela desde a minha adolescência.”

Kristin Scott Thomas já admirava *Orgulho e Preconceito* e *Desejo e Reparação* (ambos de Joe Wright): “Trabalhar com o Joe foi exatamente como eu tinha imaginado. Ele deixa os atores fazerem experiências, e está aberto para todo tipo de ideia. Ele não é completamente fixo em uma só direção.”

Sobre Clemmie, ela diz: “Ela era um pilar. Ela e Churchill se amavam completamente, e tinham brigas fantásticas.

A forma como ele conseguiu, naquelas semanas de maio e junho, inspirar patriotismo, bravura e orgulho em toda a Grã-Bretanha foi extraordinária.”

Sua experiência foi semelhante à de Gary Oldman: “Achei o material do meu dever de casa um tanto intimidador. Recebeu uma caixa cheia de livros da produção, e todos os livros eram bem grossos. Mas eu mergulhei na pesquisa, e foi fascinante.

Também sabia de como as pessoas haviam interpretado a Clemmie antes e feito suas próprias leituras. Mas tive que encontrar minha própria visão e interpretação da Clemmie.”

Mais uma vez, foram as palavras de Churchill que deram o tom. Kristin Scott Thomas relata: “O Churchill diz, em uma de suas cartas, que não teria sido capaz de sobreviver à guerra sem a Clemmie ao seu lado. Está claro que ela o apoiou muito, mas tinha ideias muito fortes sobre política e sobre o que deveria ser feito no mundo e como as coisas deveriam ser conduzidas, e ela dizia essas coisas para o Churchill.”

Lisa Bruce comenta: “Tanto no aspecto emocional quanto intelectualmente, Clemmie e Churchill eram iguais. Ninguém mais era capaz de enxergar a verdadeira natureza do Churchill como ela. A Kristin sabia bem disso, e trouxe esse conhecimento para as cenas com o Gary. Foi como uma dança para eles dois, e vê-los juntos foi um imenso prazer.”

Gary diz: “Acredito que a interpretação da Kristin seja definitiva. É uma caracterização maravilhosa. Acho que temos boa química em *O Destino de uma Nação*.”

Kristin opina: “Eu esquecia completamente que era o Gary. Éramos apenas Winnie e Clemmie.”

Lily James é uma estrela em ascensão que interpreta Elizabeth Layton, secretária pessoal de Churchill, e aceitou o papel em resposta ao que viu como “uma história poderosa da nossa história e da história de todo mundo que devemos lembrar e ponderar”.

E acrescenta: “Gostei de fazer um filme em que não interpreto o interesse amoroso de alguém, e que não é sobre romance. Mas existe uma bela ligação que se desenvolve entre Churchill e Elizabeth.”

O roteirista Anthony McCarten havia se inspirado na Elizabeth da vida real, que publicou memórias com detalhes dos anos que conviveu com Churchill com seu nome de casada, Elizabeth Nel.

Anthony McCarten escreveu a personagem de forma que a plateia tivesse uma visão mais íntima de um homem cujo mundo era, por necessidade, muito isolado do cotidiano, e Joe Wright usou esse tema na filmagem das cenas da secretária com o patrão.

“A Elizabeth é como os olhos do filme”, explica Joe Wright. “Eu não queria que houvesse nenhum bloqueio entre Lily e a plateia. Seu ponto de vista na história é acessível e conduz a algo que, na minha opinião, é um aspecto importante desta história: a desconexão de Churchill com o povo britânico, e, depois, essa conexão restaurada e fortalecida.

Até certo ponto, ele viveu em um ambiente bastante rarefeito. Num momento em que uma verdadeira liderança era essencial, ele teve que sair da sua bolha e entrar em contato com as pessoas na rua. Só de fazer contato com pessoas comuns e ouvir suas preocupações, ele já pôde entender melhor as repercussões, os efeitos das enormes decisões que estava tomando.”

Lily James relata: “Adorei ler a autobiografia da Elizabeth. Ela sabia que tinha um trabalho a fazer, e tinha espírito de luta. Seu livro demonstra muita admiração, e pode-se ver que ela realmente amava Churchill, e acho que seu círculo de trabalho mais íntimo também. Ele era incrivelmente rígido e exigente, as coisas tinham que ser do jeito dele, mas ele tinha espírito de generosidade e um senso de humor e inteligência incríveis.

Eu raramente o vi sem estar inteiramente caracterizado como Churchill. Gary Oldman é muito ousado e foi muito gentil comigo, de ator para ator.”

E acrescenta: “Joe Wright cria uma atmosfera no set que nos permite explorar a humanidade dos personagens em vez do peso da política e da história.

Tínhamos um clima de muita colaboração durante a criação do aspecto visual da personagem com Jacqueline Durran e Ivana Primorac. O Joe espera que todo mundo se ajude.”

De fato, Ivana avalia: “Tudo é interligado, e nunca teríamos conseguido sem uns dos outros. O Joe usa as pessoas como uma equipe.

A Lily é uma moça muito moderna, mas conseguimos transformá-la em uma mulher comum mais da década de 1940.”

Durante toda a filmagem, Lily James manteve detalhes específicos em mente: “Especialmente a forma com que a Elizabeth tinha que segui-lo por toda parte. Até no carro dele, ela tinha que estar presente, escrevendo ou datilografando. Levei alguns meses para aprender a usar uma máquina de escrever antiga profissionalmente.

Em geral, a Elizabeth estava em serviço a qualquer hora, e eu tive que adotar a postura de uma moça de vinte e poucos anos que vivia muito próxima de um gênio, trabalhando em discursos e telegramas que mudariam o nosso futuro.”

Jacqueline Durran deu à personagem mais evolução nas roupas do que a outros no filme. Elizabeth começa usando vestidos bonitos e suaves, mas, depois, fica mais assertiva em trajes mais profissionais e de lã na medida em que mantém o ritmo dentro da atmosfera tensa em torno de Churchill.

Lisa Bruce observa: “A Elizabeth é como uma flor viçosa que vem da terra entre homens mais velhos e poderosos. Ela traz uma energia inteiramente diferente para a história e para o relacionamento. Com ela, Churchill pode baixar um pouco a guarda. Por meio dela, vemos elementos dele que não veríamos de outra forma.

A Lily é naturalmente inquisitiva, mas também demonstra a inocência da Elizabeth e como ela desenvolveu lealdade ao Churchill. A Elizabeth real escreveu sobre como era difícil trabalhar com ele, mas que também foi inspirador e foi a melhor época da sua vida, e a Lily transmite isso de um jeito que melhora a história que estamos contando.”

Contemporâneos

Apesar de seus muitos anos no Parlamento, Winston Churchill não era visto como um provável primeiro ministro. Isso pareceria mudar em 10 de maio de 1940, quando o rei George VI o nomeou para o cargo – exceto que, quando ele assumiu o poder, ainda tinha pouco apoio do próprio partido, o Partido Conservador, ou do poder britânico estabelecido.

Embora tenha convidado imediatamente o Primeiro Ministro anterior Neville Chamberlain e o Visconde de Halifax (conhecido como Edward) para o seu gabinete de guerra, Churchill sabia bem que Chamberlain ainda tinha influência sobre o Partido Conservador e que Halifax provavelmente tinha sido a escolha de muitos para o cargo de primeiro ministro – inclusive do Rei.

Ben Mendelsohn, ganhador do prêmio Emmy®, interpreta o Rei. Ele observa: “O Destino de uma Nação explora os sentimentos de George VI sobre Churchill e sobre a

guerra. Foi um período de enorme pressão sobre ambos, e eles tiveram que percorrer um caminho muito estreito juntos.

Fiquei muito feliz, mas também surpreso quando fui convidado para interpretar Sua Majestade. Achei que interpretar uma figura inglesa de tamanha estatura era um desafio muito promissor para eu recusar.”

Lisa Bruce relata: “Foi ideia do Joe Wright escalar o Ben. Ele é australiano e teve que dominar o sotaque, inclusive incorporar os vestígios de gagueira do rei, e realmente incorporou. Fisicamente, a semelhança era ainda mais forte.”

Joe Wright explica: “Desde o início, eu sabia que queria o Ben nesse papel. Tinha admirado a sua atuação em Encarcerado, e vi a energia bruta que ele tem e é capaz atingir um ponto intenso de concentração. Tem muita coisa acontecendo sob a superfície com o Ben, e isso acrescenta uma carga às cenas entre o Rei e Churchill.”

Ivana Primorac observa: “O Joe sempre escolhe os melhores atores para os papéis, e Jacqueline Durran e eu e nossos departamentos colaboramos com o ator na criação do personagem.

O Ben quase poderia ir para a frente das câmeras do jeito que é, mas precisávamos de um toque de realeza. Incrementamos o visual dele, inclusive o cabelo, de acordo com as proporções do Rei George VI, e isso fez com que o Ben tivesse uma postura e movimentos diferentes. Ele encarnou completamente o papel.

Quando vemos Churchill e o Rei juntos, é maravilhoso, porque Churchill é um personagem muito importante e, de repente, ele parece pequeno, desarrumado e todo amassado, e as cenas surpreendem.”

Gary Oldman observa: “Colin Firth (no mesmo papel em O Discurso do Rei) era difícil de igualar, mas o Ben interpretou de forma brilhante. Sua leitura do Rei é muito especial.

O Ben telefonou para o Joe e disse: ‘Tem érrres demais nas minhas cenas.’ Ele tomou consciência de que pessoas gagas – como era o Rei – evitam certas palavras e preferem outras. O Ben havia examinado o script de forma muito minuciosa, e o que ele propunha fazia muito sentido. Então, alterações foram feitas nas cenas em que estamos juntos.”

Ben Mendelsohn opina: “A gente nunca quer deixar nada para trás no que está fazendo, em termos do esforço que empenhamos. Embora eu não pretendesse fazer uma imitação do Rei George VI, eu tinha que fazer uma interpretação, e tem certas coisas que a gente quer fazer direito.

Foi uma grande honra ser convidado para contracenar com Gary Oldman, pois ele é um ator excepcional. Este filme foi a oportunidade mais próxima que teríamos de estarmos presentes diante de Winston Churchill.”

Enquanto o relacionamento de Churchill e o Rei evoluía durante o início de 1940, as estratégias e opiniões opostas que Churchill tinha com Chamberlain, Halifax e outros estavam documentadas nas minutas que Anthony McCarten havia lido. Muitas delas são citadas literalmente em O Destino de uma Nação.

Joe Wright diz: “As cenas das salas de guerra são pontos centrais do filme e da história que estamos contando. O diálogo no script do Anthony nessas cenas foi tirado das minutas das reuniões, em que houve grandes momentos de drama. Eu quis tentar fazer essas cenas de forma cinematográfica, com 17 atores no mesmo espaço. Muitas vezes, as pessoas pensam que ‘cinematográfico’ significa tomadas amplas de paisagens, mas, para mim, o cinema está mais na intenção do que na tela.

Parte da composição da tomada foi feita para mim – por Churchill. Ele colocava as pessoas nas salas de guerra que se opunham a ele viradas para ele. Isso evitava que lhe falassem pelas costas.”

Anthony McCarten observa: “De um lado, estavam aqueles que apoiavam um acordo com os nazistas; do outro, estavam os que queriam que a nação resistisse e lutasse contra Hitler. O conflito de Churchill com Halifax cristalizou esses debates, e, ao vê-los e ouvi-los, a plateia também deve levar em consideração a situação do Reino Unido e de Churchill.”

Joe Wright explica: “Não queríamos fazer um filme que, simplesmente, dissesse que Churchill era um grande homem. Achamos que a plateia realmente deveria ouvir os argumentos e avaliá-los. O essencial em Churchill é que ele mesmo fazia exatamente isso. Era um líder que ouvia e avaliava os pontos de vista de outras pessoas e, então, tomava uma decisão. Mostramos isso mais de uma vez em O Destino de uma Nação.

Ao ver as cenas, espero que a plateia ouça o Halifax e pense cuidadosamente sobre a posição dele. Se a Grã-Bretanha não tivesse vencido a guerra, então talvez Halifax estivesse certo? Além disso, Churchill não seria o herói. Vencer uma guerra envolve muitas escolhas e um tanto de sorte, desgraça e outras coisas.”

Ele observa, com alívio: “A História provou que Churchill estava certo, e é digno de celebração. Mas, em maio de 1940, havia motivos para se considerar a possibilidade de negociação de paz, não só porque a Grã-Bretanha não tinha mais um exército; a força terrestre estava presa em Dunkirk, no outro lado do Canal. Se eles fossem dizimados, o Reino Unido não teria mais nenhuma chance de se defender.”

Para interpretar Halifax, aristocrata de profunda fé religiosa, Joe Wright achou que precisava de um ator que pudesse transmitir autoridade e convicção, não um mero antagonista caricato. Stephen Dillane, ganhador do prêmio Tony®, surgiu como sugestão do elenco, e o diretor ficou intrigado.

“O Stephen é um ator rigoroso, e eu sabia que ele era realmente capaz de apresentar aqueles argumentos de forma que convencesse a plateia a pensar sobre eles”, diz Joe

Wright. “Ele transmite base moral, e eu acho mesmo que ele vai convencer o público de que Halifax podia até ter razão. Seu argumento era válido.”

Anthony McCarten comenta: “Nunca se deve ignorar um argumento em defesa da paz, mas o que Churchill sabia de história lhe dizia que os países que se renderam de forma abjeta nunca mais se recuperaram, enquanto aqueles que lutaram viveram para lutar novamente.”

Para interpretar Halifax, Stephen Dillane conversou muito com Ivana Primorac, inclusive “raspando metade da cabeça”, ela diz. E descobriu, durante a pesquisa, que o trabalho era ideal para ele. Ele conta: “Foi difícil encontrar alguém que estivesse disposto a defendê-lo. Halifax tornou-se a figura que estava no lado errado da história, e é difícil examinar isso com objetividade, sem querer criar mitos.

“Foi interessante considerar como e quando ele acreditou que podia ser líder do Partido Conservador e se haveria ação militar.”

Lisa Bruce acrescenta: “O Stephen trouxe uma perspectiva fundamentada do homem e questionou cada aspecto de Halifax, seus diferentes lados. Ele pôs camadas em sua caracterização, fez de Halifax um oponente mais forte de Churchill e deu mais impacto às cenas das salas de guerra.”

O ator veterano Ronald Pickup se encarregou de interpretar Neville Chamberlain após o falecimento do ator John Hurt, que tinha sido escolhido para o papel. “Eu me senti privilegiado por atuar em O Destino de uma Nação”, diz Ronald Pickup. “É uma história de suspense que também é uma afirmação de vida.

Neville Chamberlain era a favor de aceitar o comando de Hitler, e a Câmara dos Comuns rejeitou essa ideia e forçou sua renúncia. Mas ele permaneceu como líder do Partido Conservador, e ainda exerceu bastante influência. Ele usava um uniforme, pois era mesmo um eduardiano.”

Douglas Urbanski acrescenta: “O que o Ron traz para o papel é uma mistura de força e vulnerabilidade. Em sua atuação, só com os olhos, vemos muito do Chamberlain ao longo das semanas.

Muita gente pensa que Churchill e Chamberlain eram rivais. Mas a maioria das pessoas não sabem que Churchill fez um belíssimo panegírico na Câmara dos Comuns por ocasião da morte de Chamberlain.”

Ronald Pickup conta: “Atuar com Gary Oldman foi tão assustador quanto emocionante, pois o Gary encarnou o Winston de alguma forma, com uma força vital. Acho que ele é um dos maiores atores de hoje em dia.

O script do Anthony é muito bem escrito e não comete julgamentos. O Joe nos manteve longe de excessos e adora seus personagens.”

Lisa Bruce comenta: “Todos os membros do elenco se beneficiaram com a dedicação de Joe Wright. Ele é muito específico com os detalhes. Eu nunca tinha estado em um filme em que o diretor promovia duas semanas de ensaio completo com os atores, para que eles realmente encontrassem seus personagens. Muitos dos atores falaram sobre o quanto isso é raro.”

Gary Oldman revela: “Foram 10 semanas para mim – um prazer absoluto, pois eu não ensaiava tanto assim desde quando atuava no teatro.”

Lisa Bruce acrescenta: “O Joe trouxe pesquisadores e historiadores para conversar com os atores, organizou excursões a várias locações, convidou membros da família de Churchill para participar do processo...”

Ele é um cineasta diferente na forma de trabalhar. Isso fica evidente quando o filme está pronto, porque não dá a impressão de uma coisa simulada. O preparo da sua interpretação é meticuloso.”

Preparação das Cenas

O cenário de O Destino de uma Nação é uma Grã-Bretanha fragilizada. A Primeira Guerra Mundial havia devastado a economia e a mão de obra do país, e, duas décadas depois, a nação ainda não era o poderio industrial ou militar que havia sido antes. E já se preparava para adotar ainda mais austeridade com a proximidade da Segunda Guerra Mundial.

Para descrever o estado da nação, Joe Wright recorreu à venerável parceria criativa da designer de produção Sarah Greenwood (indicada para o Oscar®) e da cenógrafa Katie Spencer. Ele observa: “Fazemos filmes como uma unidade, e Sarah e a Katie são vitais nesse processo. Depois que tantos filmes juntos, temos um excelente entrosamento.”

Como parte desse entrosamento, a equipe projeta cenários que são circulares porque Joe Wright gosta da flexibilidade que isso dá à sua câmera e seus atores.

Joe Wright deu as diretrizes à dupla: “Londres em 1940 não era como é hoje. Era mais suja e malcuidada. Então, evitamos locações clássicas na cidade.”

Tons de amarelo pálido, azul desbotado, sofás rasgados e tapetes gastos foram trazidos de fora. As cenas internas da base do primeiro ministro no número 10 da Rua Downing tiveram uma paleta de cores discreta, de acordo com o que diretor de fotografia indicado para o Oscar® Bruno Delbonnel havia conversado com Joe Wright.

Foi uma decisão perfeita para Sarah Greenwood. Ela revela: “Esse período, às vezes, pode parecer um pouco elegante demais na tela. Todos nós nos esforçamos para evitar isso em O Destino de uma Nação.

Quando descrevemos o interior da Rua Downing 10, tivemos sorte de encontrar uma casa georgiana decadente em Yorkshire que pudéssemos, até certo ponto, modificar o quanto quiséssemos, inclusive aplicar a estrutura circular que o Joe queria.”

O departamento de arte não foi incumbido de fazer uma cópia carbono do imóvel original, em parte porque existem poucos registros de seu interior na década de 1940. Então, a equipe tirou proveito disso.

Sarah Greenwood sorri ao contar: “Tivemos a liberdade de criar nossa própria casa. Ela tem um jeito de Rua Downing 10, mas é bem diferente do verdadeiro Número 10! As escadas, por exemplo, estão invertidas.”

O Palácio de Buckingham foi reproduzido em outra locação, Wentworth Woodhouse, casa imponente de estilo neoclássico que tem o título de maior casa particular do Reino Unido.

Bruno Delbonnel iluminou as cenas internas por pequenos buracos: “Sarah Greenwood e sua equipe cobriram as janelas com enormes persianas que tinham só lâminas. O Palácio de Buckingham também não é tão vistoso durante aquela época tensa. O clima do país era outro, então ele é bem mais modesto.”

Bem de acordo com o que consumia o tempo de Churchill durante as quatro semanas descritas no filme, O Destino de uma Nação foi caracterizado visualmente na maior parte por dois sets, a Câmara dos Comuns e as salas de guerra. Neles, autenticidade era de extrema importância.

As verdadeiras salas de guerra foram preservadas como peças de museu e a equipe não teve permissão para filmar dentro delas. A produção tinha medidas e fotografias tiradas lá. Gary Oldman passou horas observando tudo e teve permissão para sentar-se na cadeira de Churchill.

Meses de planejamento e ainda mais pesquisa resultaram em uma recriação impressionante da casamata baixa em que Churchill e seu gabinete de guerra debatiam e planejavam estratégias. O cenário foi feito nos Estúdios Ealing, no Reino Unido, estúdio de cinema mais antigo do mundo onde foram feitos clássicos como *Quinteto da Morte* e *It Always Rains on Sunday*. Nada foi negligenciado, nem mesmo o tipo e a cor dos alfinetes de mapa.

Gary Oldman acrescenta: “Os alfinetes estavam nos lugares certos. Era estranho, pois parecia mesmo as verdadeiras salas de guerra. Certamente, um dos mais bem elaborados sets em que eu já estive.

O nível de detalhe era incrivelmente bom. Abri dois livros que estavam ‘jogados’ e vi que eram recriações notáveis de logs e diários.”

Lily James confirma: “Era incrível. Abri uma gaveta, e encontrei rações de açúcar e vários lápis apontados e usados.”

O consultor histórico Phil Reed cuidou das salas de guerra da vida real por 23 anos, no que ele chama de “provavelmente, os melhores 23 anos da minha vida”. Ele deu seu selo de aprovação às recriações do departamento de Sarah Greenwood e Katie Spencer, e diz: “As paredes de tijolo, as colunas e até a entrada de ar são exatamente como no original. Em algumas partes, a escala teve que ser diferente, porque era preciso entrar com as câmeras, etc.

Mas a atmosfera toda é muito fiel e executada com maestria.”

A unidade de arte havia supervisionado a criação de uma central de atividades 24 horas, cheia de telefones, pilhas de papel, mapas da Europa e alojamentos desarrumados. O cenário geral é de um caos organizado, pois a unidade recriou o progresso do espaço subterrâneo em vez de recriar seu estado preservado.

Sarah Greenwood diz: “As salas de guerra são como uma bagunça em evolução em que Churchill teve a ideia do que fazer. Eles viviam lá, naquela base subterrânea, pensando e planejando. O Joe queria que tudo tivesse um aspecto de improvisado e reparação.

“O diálogo do script transmite muito bem o conhecimento explosivo que eles tinham e suas decisões sobre o que deveria ou não ser compartilhado com a nação.”

Lily James explica: “É meio como um labirinto lá, e a gente vê como as pessoas podem enlouquecer. O Joe e o Bruno fizeram tomadas excelentes de nós que vão surpreender a plateia.”

Douglas Urbanski relata: “Os cenários do departamento de arte eram espetaculares, com paredes grossas. Mesmo assim, às vezes, elas eram removíveis, para que o Joe pudesse obter um ângulo diferente e chegar mais perto dos personagens com a paleta bem elaborada do Bruno.”

Joe Wright observa: “Como uma boa parte do filme acontece ali, quisemos também passar aquela atmosfera claustrofóbica, a pressão sobre as pessoas, mas também a ideia de perseverança. Não há nada de alta tecnologia nas salas de guerra, e isso é ainda mais impressionante se pensarmos em como as pessoas trabalhavam com materiais bem básicos. Também achei isso emocionante.”

Em contraste deliberadamente contundente com a colmeia de atividades no andar de baixo, a Câmara dos Comuns surge imponente em cima. Sua recriação, de acordo com sua configuração antes do ataque a Londres alguns meses depois, em 1940, foi um enorme cenário construído nos Estúdios Warner Bros. em Leavesden, sudeste da Inglaterra.

Sarah Greenwood admite: “O set construído deu mais espaço de movimento para o Joe e o Bruno. Num dado momento, iríamos filmar na Câmara dos Comuns de verdade embora ela tivesse sido reconstruída e já não fosse mais como a de antes, mas fomos avisados que nem nós nem os atores podíamos sentar nos bancos.”

Joe Wright ri quando diz: “Só os membros do Parlamento podem encostar o bumbum nos bancos da Câmara dos Comuns! Então, tivemos que construir bancos só para nós. Optamos por uma madeira mais rica, mais profunda e mais escura. Ficou com uma aparência mais vitoriana.”

Sarah Greenwood avalia: “Foi um cenário grande e difícil, e Nick Gottschalk (supervisor da direção de arte) calculou com todo cuidado até que ponto nós iríamos, inclusive em termos de orçamento. Mas acabou valendo a pena termos todo aquele escopo e escala, em que o Bruno pôde iluminar e a câmera pôde se mover.

O Bruno é um mestre com a luz, e tem um estilo natural excelente. Ele sabe quando é hora de deixar a história e a atuação falarem por si mesmos.”

Joe Wright observa: “O script inteiro trabalha em direção ao que acontece lá – o inesquecível discurso de Winston em 4 de junho de 1940.”

Cerca de 450 figurantes, representando membros do Partido Conservador e do Partido Trabalhista, foram vestidos dos pés à cabeça pela unidade de Jacqueline Durran. Eles preenchiam o cenário, se apoiavam na energia de Gary Oldman e lhes dava energia em troca. “Ter pessoas de verdade lá, não criadas em computador, tornou tudo muito excitante”, recorda Joe Wright, que preservava o ímpeto do momento entre as tomadas com o som de músicas como “Hey Jude”, dos Beatles.

Douglas Urbanski observa: “Os figurantes eram incentivados a reagir aos discursos do Churchill, a aplaudir e fazer barulho.”

Sarah Greenwood se admira, “Houve muitos momentos em que o Gary dizia aquelas palavras e a gente ficava muito impressionada, fosse no quartel-general ou na Câmara dos Comuns. A gente se sentia como se estivesse mesmo testemunhando a história.”

Seguindo os Passos

Em O Destino de uma Nação, quando Churchill caminha por St Stephen’s Hall, tira o chapéu e ergue a bengala para as estátuas dos primeiros ministros do passado, Gary Oldman caminha, de fato, dentro do próprio Parlamento.

A produção pediu e obteve permissão para filmar nas casas do Parlamento, também conhecidas como Palácio de Westminster. O Destino de uma Nação é apenas o segundo filme a ter permissão para filmar lá. O primeiro foi As Sufragistas. O processo de aprovação da filmagem demorou seis meses.

As exigências de segurança foram as mais altas que o elenco e a equipe já viram em uma filmagem, pois cada peça de equipamento e cada veículo tinha que ser verificado em um lugar especial. Depois de liberado, tudo era mantido dentro de um cronograma e uma rota de transporte rigorosa até o Parlamento. Se houvesse algum desvio da rota, tudo e todos tinham que voltar ao ponto inicial. Felizmente, isso só aconteceu uma vez.

O Parlamento concedeu a O Destino de uma Nação acesso a St Stephen's Hall e ao Palácio sem nenhuma exigência de alteração do script, e com permissão para que os charutos de Churchill fossem fumados em cena.

Embora os ambientes internos da Rua Downing 10 tenham sido recriados, a parte externa era do verdadeiro Número 10. Nesse caso também, as medidas de segurança eram completas e detalhadas, e a produção foi a segunda a ir onde filmes anteriores não conseguiram. Até recentemente, o Número 10 só tinha permitido entrada de equipes de documentários e notícias. Mais uma vez, um processo de aprovação de vários meses permitiu o acesso que melhorou a verossimilhança consideravelmente.

Verificações de segurança em veículos e uma equipe reduzida eram necessárias, mas todo mundo ficou empolgado porque a câmera de Bruno Delbonnel seguiria Gary Oldman como Churchill na rua, não apenas na entrada.

O dia mais sóbrio para a produção foi o Domingo do Armistício de 2016, quando Calais Citadel, sob ataque em maio de 1940, foi recriada em Fort Amherst, Chatham. 110 figurantes em uniformes militares preencheram a cena. Joe Wright pediu que a música "Sleep", de Max Richter, fosse tocada para criar o clima. No cerco de Calais, tropas francesas e britânicas rechaçaram ataques pesados dos alemães durante três dias críticos, a fim de permitir a evacuação das tropas em Dunkirk, porém ao custo da destruição dessa guarnição.

Bruno Delbonnel e Joe Wright haviam mapeado a cena e planejado como a câmera começaria mostrando uma cruz à luz de velas e um altar improvisado antes de seguir o caminho percorrido pelo Brigadeiro enquanto ele lê o telegrama que sela o destino de seus homens. Nessa tomada contínua em Steadicam, o operador da câmera foi sustentado por fios. Quando a câmera desceu para a leitura do telegrama, o operador foi içado no ar por uma grua e subiu cerca de 12 metros para filmar a cena abaixo. Daí, vem uma perfeita transição para o ponto de vista do avião que está prestes a lançar uma bomba mortal.

Joe Wright conta: "Foi a primeira vez que trabalhei com o Bruno, e foi excelente. Em parte, porque ele me desafiou. Ele teve um papel fundamental na realização de O Destino de uma Nação."

O montador Valerio Bonelli, em seu primeiro longa-metragem com Joe Wright, foi apresentado logo no início pelo diretor ao compositor Dario Marianelli, ganhador do Oscar® que compôs muito material antes do início da filmagem. Joe Wright tocava as composições de Dario Marianelli no set enquanto Valerio Bonelli fazia logo a montagem com o acompanhamento musical.

Joe Wright acrescenta: "Talvez tenha sido apropriado que, nesta história sobre uma reviravolta da história mundial, talentos criativos britânicos, franceses e italianos tenham trabalhado juntos."

Hora da Atitude

Anthony McCarten reconhece: “Existem cenas em O Destino de uma Nação em que Churchill não se parece nem um pouco com um Primeiro Ministro.”

Joe Wright relata: “As refeições diurnas de Churchill costumavam vir acompanhadas de um copo de vinho branco e/ou scotch e, como seus horários eram inusitados, não era incomum que ele presidisse reuniões em sua cama ou mesmo durante o banho. Ele ditava memorandos na cama e recebia visitantes para conversar sobre assuntos de estado usando a camisola de dormir.

E, em qualquer circunstância, cochilava todos os dias às 4 horas da tarde. Ele tinha uma cama de solteiro bem pequena nas salas de guerra. Era um inglês devidamente excêntrico.”

Anthony McCarten aponta: “Para retratarmos o homem que havia por trás do ícone, era importante estabelecer os traços de personalidade do Churchill. Dramatizamos determinados momentos, mas tudo veio da nossa pesquisa.

Uma coisa que os livros de história não costumam citar e que é especialmente reveladora é que foi ele quem arquitetou a Operação Dínamo de resgate em Dunkirk, em que balsas civis e cidadãos comuns eram convocados para ajudar seus compatriotas a voltar para casa.

O resgate em Dunkirk foi ideia do Churchill, e salvou milhares de vidas – britânicas e francesas.”

Anthony McCarten conclui: “Afim de contas, quisemos ir além dos limites da compreensão que temos dele. Com relação a Churchill, acho que a sua natureza tridimensional estava enterrada sob o manto da história. Quanto mais famosa é uma figura histórica, maior é o conceito de propriedade pública que se tem dela.

As fraquezas do Churchill, seus defeitos e dúvidas foram apagados até das mais completas biografias. Hoje em dia, ele costuma ser interpretado como um personagem completamente resoluto. Acho que fazemos mais justiça a ele quando mostramos também as suas imperfeições. Nos últimos 10 anos, outras dimensões começaram a ser reveladas, então O Destino de uma Nação faz parte dessa nova escola de pensamento.”

Phil Reed, OBE, Diretor Emérito das Salas de Guerra de Churchill, foi consultor histórico em O Destino de uma Nação. Ele comenta: “Winston Churchill costuma ser visto como o homem que salvou seu país e o mundo. Este filme ilumina esse período da sua vida, quando ele absolutamente assumiu sua verdadeira postura e tomou um rumo muito específico.

Em sua transformação, ele estava cercado por pessoas que não tinham confiança nem respeito por ele e passou a ser o líder que teve que deixar sua marca no governo, em seus compatriotas e no mundo – e conseguiu.”

O Destino de uma Nação

Sobre o Elenco

GARY OLDMAN (interpreta Winston Churchill)

Presença aclamada no cinema há 30 anos, Gary Oldman é considerado um dos atores mais proeminentes da sua geração.

É conhecido por milhões de pessoas no mundo todo por suas memoráveis caracterizações de Sirius Black (padrinho de Harry Potter), Comissário Jim Gordon (parceiro de Batman/Bruce Wayne no combate ao crime), Drácula, Beethoven, Pôncio Pilatus, Lee Harvey Oswald, Joe Orton, Sid Vicious e George Smiley. Esta última interpretação, em *O Espião que Sabia Demais* (de Tomas Alfredson), rendeu-lhe vários prêmios no mundo todo: BAFTA™, Cinema Britânico Independente, European Film e indicações para o Oscar® na categoria de Melhor Ator.

Em 2011, foi homenageado com os prêmios Empire Icon (conjunto da obra) e Gotham Independent Film (Tributo à Carreira). Nos prêmios do Círculo dos Críticos de Cinema de Londres de 2014, foi homenageado com o prêmio Dilys Powell (Excelência em Cinema).

Gary Oldman nasceu no Reino Unido e estrelou 13 filmes que estrearam em primeiro lugar nas bilheterias. Fez parte das duas franquias mais bem-sucedidas da história do cinema, atuou em *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, *Harry Potter e a Ordem da Fênix* e *Harry Potter e As Relíquias da Morte Parte 2* (dirigidos por Alfonso Cuarón, Mike Newell e David Yates, respectivamente) e *Batman Begins*, *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, e *Batman – O Cavaleiro das Trevas Ressurge* (todos de Christopher Nolan).

Sua carreira de ator começou em 1979 e, por vários anos, ele trabalhou exclusivamente no teatro. De 1985 a 1989, alternou entre o cinema e o teatro, com papéis no Royal Court Theatre de Londres. Entre seus primeiros telefilmes, estão *Meantime* (de Mike Leigh) e *A Firma* (de Alan Clarke).

Entre seus longas-metragens, estão *Sid e Nancy – O Amor Mata* (de Alex Cox), *O Amor Não Tem Sexo* (de Stephen Frears), *Rosencrantz & Guildenstern Estão Mortos* (de Tom Stoppard), *Um Tiro de Misericórdia* (de Phil Joanou), *JFK – A Pergunta Que Não Quer Calar* (de Oliver Stone), *Drácula de Bram Stoker* (de Francis Ford Coppola), *Amor à Queima-Roupa* (de Tony Scott), *Minha Amada Imortal* (de Bernard Rose), *O Profissional* (de Luc

Besson), *O Quinto Elemento* (também de Luc Besson), *Força Aérea Um* (de Wolfgang Petersen), *Hannibal* (de Ridley Scott), *O Livro de Eli* (de Albert e Allen Hughes), *Criança 44* (de Daniel Espinosa) e *Planeta dos Macacos: O Confronto* (de Matt Reeves).

Com Douglas Urbanski, produziu o longa-metragem *Violento e Profano*. Foi sua estreia como diretor e roteirista, escolhido para estrear mundialmente como filme da primeira noite do Festival Internacional de Cinema de Cannes de 1997 (50º aniversário), em que Kathy Burke, atriz principal do filme, ganhou o prêmio de Melhor Atriz. Depois, o filme ganhou o prêmio Channel Four Director do Festival Internacional de Cinema de Edimburgo, seis indicações para o Cinema Britânico Independente—BIFA (com três vitórias, inclusive para Kathy Burke e os atores Ray Winstone e Laila Morse), o prêmio BAFTA™ (Melhor Roteiro Original) e o prêmio BAFTA™/Alexander Kordum na categoria de Melhor Filme Britânico do Ano (este último compartilhado por Gary Oldman e Douglas Urbanski).

Entre as produções seguintes da equipe, está *A Conspiração* (de Rod Lurie, estrelado por Joan Allen e Jeff Bridges). O filme recebeu duas indicações para o Oscar®, duas para o Globo de Ouro® e três para o Screen Actors Guild™ (inclusive o de Melhor Ator Coadjuvante para Gary Oldman), e o elenco e o diretor/roteirista foram homenageados com o prêmio Alan J. Pakula da Broadcast Film Critics Association.

KRISTIN SCOTT THOMAS (interpreta Clemmie)

Kristin Scott Thomas é ganhadora de muitos prêmios: um BAFTA™, quatro Evening Standard de Cinema Britânico, dois do Círculo dos Críticos de Cinema de Londres e um do Screen Actors Guild™, todos por seu trabalho no cinema. Também foi condecorada DBE (Dama Comandante da Ordem do Império britânico) por seus serviços à arte dramática.

É bilíngue e fica igualmente à vontade interpretando papéis em francês e inglês. Foi indicada várias vezes para os prêmios Oscar® e Globo de Ouro® por seu papel principal (contracenando com Ralph Fiennes) em *O Paciente Inglês* (de Anthony Minghella, premiado com o Oscar® na categoria de Melhor Filme).

Com seus colegas atores de *Assassinato em Gosford Park* (de Robert Altman), compartilhou um prêmio do Screen Actors Guild™ na categoria de Melhor Elenco de Filme. O elenco também ganhou um prêmio Escolha da Crítica (Melhor Elenco). O filme foi indicado para o Oscar® na categoria de Melhor Filme e ganhou na categoria de Melhor Roteiro Original (Julian Fellowes).

O papel que lançou a carreira de Kristin Scott Thomas foi na comédia clássica *Quatro Casamentos e Um Funeral* (escrito por Richard Curtis e dirigido por Mike Newell,

indicado para o Oscar® na categoria de Melhor Filme), pelo qual ela ganhou os prêmios BAFTA™ e Evening Standard do Cinema Britânico. Entre outros filmes da sua carreira, estão *O Garoto de Liverpool* (de Sam Taylor-Johnson), pelo qual foi indicada para os prêmios BAFTA™ e BIFA (Prêmio do Cinema Britânico Independente), *Destinos Cruzados* (de Sydney Pollack), *O Encantador de Cavalos* (de Robert Redford), *Missão: Impossível* (de Brian De Palma), *Tempo de Recomeçar* (de Irwin Winkler, com Kevin Kline), *Anjos e Insetos* (de Philip Haas e Belinda Haas), pelo qual ela ganhou o prêmio Evening Standard do Cinema Britânico na categoria de Melhor Atriz, *Uma Paixão em Florença* (de Philip Haas e Belinda Haas), *Ricardo III* (de Richard Loncraine), *Lua de Fel* (de Roman Polanski), *Não Conte a Ninguém* (de Guillaume Canet) e *Um Punhado de Pó* (de Charles Sturridge), pelo qual ganhou seu primeiro prêmio Evening Standard do Cinema Britânico.

Recebeu seu quarto prêmio Evening Standard do Cinema Britânico na categoria de Melhor Atriz por sua atuação em *Partir* (de Catherine Corsini), pelo qual também foi indicada para o prêmio César (equivalente ao Oscar® na França) na categoria de Melhor Atriz. Ela já havia sido indicada para o César por *Há Tanto Tempo Que Te Amo* (de Philippe Claudel), pelo qual foi novamente indicada para os prêmios Globo de Ouro® e BAFTA™.

Entre os filmes recentes de Kristin Scott Thomas estão *O Nosso Segredo* (também estrelado pelo diretor Ralph Fiennes), *Apenas Deus Perdoa* (de Nicolas Winding Refn), *Dentro da Casa* (de François Ozon), *Minha Querida Dama* (de Israel Horowitz, com Kevin Kline e Maggie Smith) e *A Festa* (de Sally Potter).

No teatro, atuou em *The Audience* (de Peter Morgan) e na montagem de Ian Rickson de *Electra* no Old Vic, após ter atuado nas montagens de Ian Rickson no West End de *Old Times* e *Betrayal* e sua elogiada montagem de *The Seagull* no Royal Court. Por sua interpretação de Arkadina em *The Seagull*, ganhou o prêmio Olivier na categoria de Melhor Atriz e voltou a interpretar o mesmo papel na Broadway. Também estrelou as montagens de *As You Desire Me* e *Three Sisters* no West End, e estrelou uma montagem de *Berenice* (de Racine) que fez turnê na França.

Na televisão, atuou na minissérie britânica *Body & Soul* (dirigida por Moira Armstrong) e na versão telefilme de Jack Gold de *The Tenth Man*, em que contracenou com Anthony Hopkins e Derek Jacobi.

LILY JAMES (interpreta Elizabeth Layton)

Lily James é uma das atrizes mais requisitadas da atualidade. Formou-se pela Escola Guildhall de Música e Arte Dramática e, desde então, chamou atenção na indústria do

entretenimento com sua versatilidade em todas as formas de mídia, interpretando personagens memoráveis com atuações impressionantes.

Em 2017, além de **O Destino de uma Nação**, ela estrelou *Em Ritmo de Fuga* (do diretor e roteirista Edgar Joe Wright, com Ansel Elgort, lançamento da Working Title) e *The Exception*, suspense romântico sobre a Segunda Guerra Mundial com Christopher Plummer e Jai Courtney, primeiro longa-metragem do celebrado diretor de teatro David Leveaux.

Em 2018, ela vai estrelar *Guernsey* (dirigido por Mike Newell), baseado no sucesso de vendas da lista do The New York Times The Guernsey Literary and Potato Peel Pie Society, o faroeste contemporâneo *Little Woods* (da diretora e roteirista Nia DaCosta, com Tessa Thompson) e a comédia musical *Mamma Mia: Lá Vamos Nós de Novo!* (de Ol Parker, com Meryl Streep e Amanda Seyfried).

Depois que se formou por Guildhall, fez seu primeiro trabalho no teatro, no papel principal de Taylor na montagem de *Vernon God Little* (dirigida por Rufus Norris e indicada para o prêmio Olivier) no Teatro Young Vic, e interpretou Desdêmona na montagem da Crucible Theatre (de Daniel Evans) de *Othello*, com Clarke Peters e Dominic West.

Seu primeiro papel de destaque no cinema foi de *Cinderela*, produção premiada dos estúdios Disney e grande sucesso mundial dirigido por Kenneth Branagh. Depois disso, Lily James voltou a trabalhar com o diretor e seus colegas atores Richard Madden e Derek Jacobi na elogiada montagem de Kenneth Branagh de *Romeu e Julieta* (de Shakespeare), no papel da inesquecível Julieta. Essa montagem também foi transmitida ao vivo para o mundo todo.

Encarnou mais um papel lendário na minissérie épica *Guerra e Paz* (dirigida por Tom Harper), no papel da heroína, Natasha Rostova, na adaptação do romance clássico de Leo Tolstoy.

Entre os longas-metragens da sua carreira, estão a aventura de fantasia *Fúria de Titãs 2* (dirigida por Jonathan Liebesman), *Orgulho e Preconceito e Zumbis* (de Burr Steers), *Pegando Fogo* (de John Wells, com Bradley Cooper e Sienna Miller) e o drama esportivo *Fast Girls* (dirigido por Regan Hall).

Lily James também se destacou ao estrelar três temporadas do fenômeno da televisão mundial *Downton Abbey* no papel de Lady Rose MacClare, e compartilhou duas vezes com os outros atores do programa um prêmio Screen Actors Guild™ na categoria de Melhor Elenco em Série de Drama.

STEPHEN DILLANE (interpreta o Visconde de Halifax)

Stephen Dillane é um ator conhecido por seu trabalho em cinema, televisão e teatro.

Ganhou um prêmio Tony ao estrelar *The Real Thing* (de Tom Stoppard) na Broadway em montagem de David Leveaux, foi indicado para o Emmy® por interpretar Thomas Jefferson na minissérie épica *John Adams* (de Tom Hooper), ganhou um prêmio Emmy® Internacional por seu papel principal na série *The Tunnel* (atualmente, na terceira temporada) e ganhou o prêmio BAFTA™ por sua atuação no telefilme *The Shooting of Thomas Hurndall* (de Rowan Joffe).

Stephen Dillane estudou na Escola de Teatro Bristol Old Vic. Entre seus primeiros trabalhos no teatro, houve temporadas de repertório no Belgrade Theatre Coventry, Contact Theatre em Manchester e Chester Gateway Theatre. Depois, fez papéis principais no Teatro Nacional e ganhou o prêmio Richard Burton Shakespeare Globe em 1995 por interpretar o papel-título de *Hamlet* no Teatro Gielgud, com direção de Peter Hall.

Estrelou a montagem do Donmar Warehouse de *The Real Thing*, pela qual ganhou prêmio Evening Standard Theater na categoria de Melhor Ator, e voltou a atuar em uma curta temporada no West End antes de ir para a Broadway. Além de ganhar o prêmio Tony, Stephen Dillane ganhou os prêmios Drama Desk e Theater World.

Em 2005 e 2006, fez uma versão solo muito elogiada de *Macbeth* dirigida por Travis Preston no Teatro Redcat de Los Angeles, no Teatro Almeida em Londres e nos Festivais de Sydney e Adelaide na Austrália, onde foi indicado para o prêmio Helpmann na categoria de Melhor Ator.

Em 2016, estrelou a remontagem de Lyndsey Turner no Donmar Warehouse de *Faith Healer* (de Brian Friel), pela qual ganhou prêmio de Melhor Ator do Círculo dos Críticos de Teatro de Londres.

Entre seus muitos filmes, estão *Hamlet* (de Franco Zeffirelli), *Bem-vindo a Sarajevo* (de Michael Winterbottom), *Jogo de Espiões* (de Tony Scott), *O Melhor Jogo da História* (de Bill Paxton, estrelado pelo campeão de golfe Harry Vardon), *Questão de Vida* (de Rodrigo García, pelo qual compartilhou uma indicação para o prêmio Gotham de Cinema Independente na categoria de Melhor Elenco), *Pecados Inocentes* (de Tom Kalin, com Julianne Moore e Eddie Redmayne), *Código de Sangue* (de Malcolm Venville), *A Hora Mais Escura* (de Kathryn Bigelow) e *As Horas* (de Stephen Daldry, pelo qual compartilhou indicação para o prêmio Screen Actors Guild™ na categoria de Melhor Elenco de Filme e foi indicado para um prêmio do Círculo dos Críticos de Cinema de Londres). Estrelou *Papadopoulos & Sons* no papel principal de Marcus Markou,

contracenando com seu filho, Frank Dillane.

Entre seus trabalhos na televisão, estão *The Crown*, a minissérie *Kings in Grass Castles* (dirigida por John Woods, pela qual Stephen Dillane ganhou prêmio do Instituto de Cinema Australiano – AFI) e, por quatro temporadas, interpretou Stannis Baratheon no fenômeno mundial *Game of Thrones*, mais uma vez compartilhando uma indicação ao prêmio Screen Actors Guild™, desta vez na categoria de Melhor Elenco em Série de Drama.

RONALD PICKUP (interpreta Neville Chamberlain)

Ronald Pickup é ator há mais de 50 anos, e já interpretou personagens muito diversos, como Einstein e Verdi.

Com seus colegas atores do grande elenco de *O Exótico Hotel Marigold* (de John Madden), compartilhou uma indicação para o prêmio Screen Actors Guild™ na categoria de Melhor Elenco de Filme. Voltou a trabalhar com o mesmo diretor e elenco em *O Exótico Hotel Marigold 2*.

Seu primeiro papel de destaque foi no clássico *O Dia Do Chacal* (de Fred Zinnemann, baseado no romance de Frederick Forsyth). Entre seus muitos outros filmes estão *Três Irmãs* (de Laurence Olivier, baseado na peça de Chekhov), *Mahler*, *Uma Paixão Violenta* (de Ken Russell), *Os 39 Degraus* (de Don Sharp), *Alvorada Sangrenta* (de Douglas Hickox), *Nijinsky – Uma História Real* (de Herbert Ross, no papel de Igor Stravinsky), *007 – Nunca Mais Outra Vez* (de Irvin Kershner, com Sean Connery no papel de James Bond), *Eleni* (de Peter Yates), *A Missão* (de Roland Joffé), *Assassinato Sob Custódia* (de Euzhan Palcy), a série de filmes *As Maletas de Tulse Luper* (de Peter Greenaway), *Evilenko* (de David Grieco), *Passagem Secreta* (de Ademir Kenovic), *O Milagre de Natal de Jonathan Toomey* (de Bill Clark), *As aventuras de Greyfriars Bobby* (de John Henderson), *Príncipe da Pérsia – As Areias do Tempo* (de Mike Newell), *The Have-Nots* (de Florian Hoffmeister) e *The Time of Their Lives* (de Roger Goldby, com Joan Collins e Pauline Collins).

Recebeu indicações para o BAFTA™ por suas atuações nos telefilmes *Waters of the Moon* (de Piers Haggard) e *Orwell on Jura* (de John Glenister). Este último, estrelou no papel de George Orwell. Entre seus outros telefilmes e minisséries notáveis estão *Longa Jornada Noite Adentro* (de Peter Wood, com Laurence Olivier), *Verdi* (de Renato Castellani, no papel do lendário compositor), *Wagner* (de Tony Palmer, em que interpretou Friedrich Nietzsche), *Einstein* (de Lazare Iglesis, no papel de Albert Einstein), *Sótão: O Esconderijo de Anne Frank* (de John Erman), *Supernova* (de John Harrison), *Fortunes of War* (de James Cellan Jones, com Kenneth Branagh e Emma Thompson) e *Jennie: Lady Randolph Churchill*. Neste último, ele e Lee Remick interpretaram os pais de Winston Churchill.

No teatro, trabalhou em *Heartbreak House* (Festival de Teatro de Chichester), *Waiting for Godot* (Teatro Haymarket, West End), *Tio Vanya* (Teatro Rose em Kingston), *Look Back in Anger* (Theatre Royal em Bath), *Proof* (Donmar Warehouse), e oito anos no Teatro Nacional estrelando *Longa Jornada Noite Adentro*, *Ricardo II* e *Madras House*, entre outros. Também no Teatro Nacional, foi indicado para o prêmio Olivier por sua atuação em *Amy's View* (de David Hare, com Jude Dench e Samantha Bond, direção de Richard Eyre). Depois, voltou a atuar com a companhia na montagem da Broadway.

Entre seus próximos filmes, está *Schadenfreude*, escrito e dirigido por seu filho, Simon Pickup.

BEN MENDELSON (interpreta o Rei George VI)

Ben Mendelsohn é amplamente reconhecido como um dos melhores atores da Austrália, que já estrelou filmes do mundo todo.

Contracenou com James Frecheville e Jacki Weaver (indicado para o Oscar®) em *Reino Animal* (de David Michôd) e ganhou os maiores prêmios do cinema australiano: Instituto de Cinema Australiano (AFI), Círculo de Críticos de Cinema da Austrália (FCCA) e prêmio IF na categoria de Melhor Ator. Recebeu várias outras indicações para os prêmios AFI e FCCA, inclusive por seu trabalho em *Beautiful Kate* (de Rachel Ward, com Rachel Griffiths) e ganhou um prêmio AFI por sua atuação em *The Year My Voice Broke* (de John Duigan), que foi seu primeiro filme de destaque, e um prêmio FCCA por seu trabalho em *Metal Skin* (de Geoffrey Wright).

Entre os muitos outros filmes do seu currículo, estão *O Novo Mundo* (de Terrence Malick), *Black and White* (de Craig Lahiff, no papel do magnata Rupert Murdoch), *Austrália* (de Baz Luhrmann) e *Refêns* (de Joel Schumacher) – ambos com Nicole Kidman, *Os Especialistas* (de Gary McKendry), *Prime Mover*, *Idiot Box* e *Mullet* (todos de David Caesar), *Presságio* (de Alex Proyas), *Limite Vertical* (de Martin Campbell), *The Efficiency Expert* (de Mark Joffe), *Amy em Busca de Si Mesma* e *A Grande Trapaça* (ambos de Nadia Tass), *Sereias* (de John Duigan), *O Mapa do Coração* (de Vincent Ward) e *Contratado Para Matar* (de Simon Wincer).

Nos últimos dez anos, atuou nos grandes sucesso *Rogue One – Uma História Star Wars* (de por Gareth Edwards) e *Batman – O Cavaleiro das Trevas Ressurge* (de Christopher Nolan), além de *O Homem da Máfia* (de Andrew Dominik), *Amor Sem Pecado* (de Anne Fontaine), *Mar Negro* (de Kevin Macdonald) e *O Lugar Onde Tudo Termina* (de Derek Cianfrance), *Rio Perdido* (de Ryan Gosling), *Êxodo: Deuses e Reis* (de Ridley Scott), *Oeste sem Lei* (de John Maclean), *Única* (de Benedict Andrews, com Rooney Mara), *Parceiros de Jogo* (de Anna Boden e Ryan Fleck, pelo qual foi indicado para o prêmio Spirit) e

Encarcerado (de David Mackenzie, pelo qual ganhou prêmio do Cinema Britânico Independente na categoria de Melhor Ator Coadjuvante).

Foi indicado para os prêmios AFI e Logie por seu papel principal na série de televisão *Love My Way*. Foi astro convidado de algumas das mais elogiadas produções da televisão da Austrália, como *Halifax f.p., G.P., Police Rescue* e *The Secret Life of Us* (vários episódios). Por seu trabalho em *Tangle*, ganhou o prêmio Astra (Melhor Ator) e foi indicado mais uma vez para o prêmio Logie.

Ao longo da carreira, trabalhou simultaneamente no teatro e estrelou *Júlio César* (no papel de Marco Antônio) e *The Glass Menagerie*, ambos com a Companhia de Teatro de Sydney. Também trabalhou em *My Zinc Bed, Così* (no Teatro Belvoir St.) e *The Selection* (com a Companhia de Teatro d Melbourne).

Ganhou um prêmio Emmy® e foi indicado para os prêmios Globo de Ouro® e Escolha da Crítica por sua interpretação na série *Bloodline*, que teve três temporadas no canal Netflix, no papel de Danny Rayburn.

O Destino de uma Nação

Equipe de Produção

JOE WRIGHT (direção)

Joe Wright nasceu em uma família de artistas de marionetes e cresceu no teatro que seus pais fundaram, The Little Angel Theatre em Islington, Londres.

Estudou belas artes, cinema e vídeo na Faculdade de Arte de Central St Martin. Depois da faculdade, trabalhou em vídeos musicais e curtas-metragens até 1997, quando foi contratado para dirigir *Nature Boy*, minissérie da BBC2 em quatro partes. *Nature Boy* ganhou prêmio da Royal Television Society na categoria de Melhor Série de Drama. Depois disso, trabalhou em várias outras minisséries muito elogiadas, indicadas e premiadas, inclusive *Bob and Rose* (escrita por Russell T Davies), *Bodily Harm* (estrelada por Timothy Spall, George Cole e Lesley Manville) e *Charles II* (canal BBC1, estrelada por Rufus Sewell), que ganhou o BAFTA™ na categoria de Melhor Série de Drama.

Joe Wright estreou como diretor de longas-metragens em 2005 com *Orgulho e Preconceito* (estrelado por Keira Knightley, Matthew MacFadyen, Rosamund Pike, Donald Sutherland e Brenda Blethyn, e com Carey Mulligan em seu primeiro filme). O filme foi elogiado pela crítica e Joe Wright ganhou o prêmio BAFTA™ Carl Foreman na categoria de Realização Especial de um Diretor, Roteirista ou Produtor Britânico em Longa-Metragem de Estreia. Também ganhou prêmios do Círculo dos Críticos de Cinema de Londres (Diretor Britânico do Ano) e da Sociedade dos Críticos de Cinema de Boston (Melhor Cineasta Estreante). *Orgulho e Preconceito* foi indicado para o BAFTA™ em mais cinco categorias, ao Oscar® em quatro categorias e ao Globo de Ouro® em duas.

Seu segundo longa-metragem, *Desejo e Reparação*, foi baseado em romance de Ian McEwan e estrelado por Keira Knightley, James McAvoy, Benedict Cumberbatch e Saoirse Ronan. O filme teve treze indicações para o BAFTA™ (ganhou nas categorias de Melhor Filme e Melhor Direção de Arte), sete indicações para o Oscar® inclusive Melhor Filme (ganhou na categoria de Melhor Trilha Sonora Original) e sete indicações para o Globo de Ouro® (ganhou nas categorias de Melhor Filme de Drama e Melhor Trilha Sonora Original).

Em seguida, Joe Wright dirigiu *O Solista* (estrelado por Robert Downey Jr. e Jamie Foxx). Depois, fez o sucesso *Hanna* (estrelado por Saoirse Ronan e Cate Blanchett, com trilha sonora eletrônica do grupo The Chemical Brothers).

Em 2011, dirigiu *Anna Karenina* (estrelado por Keira Knightley, Aaron Taylor-Johnson, Jude Law, Domhnall Gleeson e Alicia Vikander – em seu primeiro papel falado em inglês) com roteiro de Tom Stoppard. O filme foi indicado para o prêmio BAFTA™ em seis categorias e para o Oscar® em quatro. Em ambos, ganhou na categoria de Melhor Figurino.

Em 2015, dirigiu *Peter Pan*, história da origem dos personagens da história clássica, estrelada por Hugh Jackman, Garrett Hedlund, Rooney Mara e Levi Miller.

Em 2016, dirigiu o elogiado episódio “Nosedive” da série de televisão *Black Mirror* (estrelado por Bryce Dallas Howard, que foi indicada para o prêmio Screen Actors Guild™).

Joe Wright estreou no mundo do teatro em 2013, no Donmar Warehouse, com *Trelawny of the Wells*, peça de Arthur Pinero montada por Patrick Marber. Depois, veio o sucesso de crítica *A Season in the Congo* no Young Vic Theatre (estrelado por Chiwetel Ejiofor) e, mais recentemente, *Life of Galileo* (Young Vic Theatre), com música dos Chemical Brothers.

Joe Wright é diretor da Shoebox Films, firma de produção de cinema e televisão sediada em Londres que, entre outros trabalhos, produziu o suspense *Locke*, sucesso de crítica de Steve Nights estrelado por Tom Hardy e ganhador de muitos prêmios.

Joe Wright mora em Londres com a esposa, a guitarrista clássica Anoushka Shankar, e seus dois filhos.

TIM BEVAN e ERIC FELLNER (Produção)

TIM BEVAN e ERIC FELLNER dividem, desde 1992, a presidência da Working Title Films, que hoje é uma das mais importantes produtoras de cinema do mundo.

Foi fundada em 1983 e já produziu mais de 100 filmes que arrecadaram mais de 7 bilhões de dólares no mundo todo. Seus filmes já ganharam 12 prêmios Oscar®: *Os Miseráveis* (de Tom Hooper), *A Teoria de Tudo* (de James Marsh), *Os Últimos Passos de Um Homem* (de Tim Robbins), *Fargo* (de Joel e Ethan Coen), *Elizabeth* e *Elizabeth – A Era de Ouro* (de Shekhar Kapur), e *Desejo e Reparação* e *Anna Karenina* (de Joe Wright), além de 39 prêmios da Academia Britânica de Artes do Cinema e da Televisão (BAFTA) e prêmios dos festivais internacionais de cinema de Cannes e Berlim.

O Producers Guild of America deu a eles o prêmio David O. Selznick de Realização em Filmes de Cinema, sua mais alta honra. Também receberam dois dos mais importantes

prêmios dados para produtores britânicos: o prêmio Michael Balcon de Melhor Contribuição Britânica para o Cinema, da cerimônia Orange British Academy (BAFTA) e o prêmio Alexander Walker da cerimônia Evening Standard British Film. Ambos também foram premiados com a Ordem do Império Britânico.

A Working Title trabalha repetidamente com importantes cineastas como os irmãos Coen, Richard Curtis, Stephen Daldry, Paul Greengrass, Tom Hooper, Ron Howard, Edgar Wright, e Joe Wright, e os atores Rowan Atkinson, Cate Blanchett, Colin Firth, Nick Frost, Hugh Grant, Keira Knightley, Simon Pegg, Eddie Redmayne, e Emma Thompson, entre outros.

Suas produções diversificadas, além do acima mencionado, incluem *Quatro Casamentos e um Funeral* (de Mike Newell), *Simplesmente Amor* e *Questão de Tempo* (de Richard Curtis), *Um Lugar Chamado Notting Hill* (de Roger Michell), ambos os filmes do *Mr. Bean* (um dirigido por Mel Smith e outro por Steve Bendelack, respectivamente), *Todo Mundo Quase Morto*, *Chumbo Grosso* e *Heróis de Ressaca* (os três dirigidos por Edgar Wright), *Um Grande Garoto* (de Paul e Chris Weitz), *A Intérprete* (de Sydney Pollack), os três filmes da franquia *Bridget Jones* (dirigidos por Sharon Maguire e Beeban Kidron, respectivamente), *Orgulho e Preconceito* (de Joe Wright), *Contrabando* e *Everest* (de Baltasar Kormákur), ambos os filmes de *Nanny McPhee - A Babá Encantada* (dirigidos por Kirk Jones e Susanna White, respectivamente), ambos os filmes de *Johnny English* (dirigidos por Peter Howitt e Oliver Parker, respectivamente), *O Espião Que Sabia Demais* (de Tomas Alfredson, estrelado por Gary Oldman), *Senna* (de Asif Kapadia, primeiro documentário da empresa, sobre o lendário corredor Ayrton Senna), *Voo United 93* (de Paul Greengrass) e *Frost/Nixon* e *Rush: No Limite da Emoção* (de Ron Howard).

O sucesso do filme *Billy Elliot* (dirigido por Stephen Daldry) teve continuidade no teatro com *Billy Elliot the Musical* (dirigido por Stephen Daldry com texto e letras de Lee Rob Hall e música de Elton John). O show começou sua turnê pelo Reino Unido e Irlanda em fevereiro de 2016. Teve uma temporada de mais de três anos na Broadway e ganhou 10 prêmios Tony em 2009, inclusive nas categorias de Melhor Musical e Melhor Diretor, e viajou por todos os Estados Unidos. O espetáculo também foi visto em Sydney, Melbourne, Holanda, Chicago, Toronto, Brasil e Seul, Coreia do Sul. Foi visto por quase 10 milhões de pessoas no mundo todo.

A lista de lançamentos mais recentes e/ou inéditos da Working Title inclui: *Boneco de Neve* (dirigido por Tomas Alfredson e estrelado por Michael Fassbender, Rebecca Ferguson e Val Kilmer), *Em Ritmo de Fuga* (dirigido por Edgar Wright e estrelado por Ansel Elgort, Lily James, Kevin Spacey e Jamie Foxx), *Johnny English 3* (estrelado por Rowan Atkinson e dirigido por David Kerr), um projeto ainda sem nome de James Marsh (estrelado por Michael Caine, Jim Broadbent, Tom Courtenay e Ray Winstone),

Victoria & Abdul – O Confidente da Rainha (dirigido por Stephen Frears e estrelado por Judi Dench interpretando a Rainha Victoria), a série da Netflix *Gypsy* (estrelada por Naomi Watts), um projeto sem título de Entebbe, um suspense político dirigido por José Padilha (estrelado por Rosamund Pike e Daniel Brühl) e *Mary, Queen of Scots* (de Josie Rourke, estrelado por Saoirse Ronan e Margot Robbie).

LISA BRUCE (produção)

Lisa Bruce é uma produtora que já fez longas-metragens independentes e de grandes estúdios para os mercados doméstico e internacional.

Foi indicada para o Oscar® e o Globo de Ouro® como um dos produtores de *A Teoria de Tudo*, dirigido por James Marsh e indicado na categoria de Melhor Filme. Eddie Redmayne e Felicity Jones estrelaram no papel de Stephen e Jane Hawking neste filme, que foi indicado para o Globo de Ouro® em quatro categorias e ganhou em duas: Melhor Ator de Drama e Melhor Trilha Sonora Original (Jóhann Jóhannsson), e foi indicado ao Oscar® em cinco categorias e ganhou uma (Melhor Ator). Entre as muitas outras honras que *A Teoria de Tudo* arrebatou no mundo todo, estão 10 indicações para o BAFTA™, com vitória em três: Melhor Ator, Melhor Roteiro Adaptado (Anthony McCarten), e Melhor Filme Britânico. Lisa Bruce compartilhou este último com seus colegas.

Antes disso, ela produziu o telefilme da Working Title e HBO *Mary e Martha: Unidas pela Esperança*, história verídica de duas mães que se unem para educar o mundo sobre a malária. O filme é dirigido por Phillip Noyce, escrito por Richard Curtis e estrelado por Hilary Swank e Brenda Blethyn. Antes disso, ela havia produzido *Walkout* para a HBO, telefilme estrelado por Alexa Vega e Michael Peña, sobre ativismo mexicano-americano em 1968. Edward James Olmos foi indicado para o prêmio Directors Guild of America pela direção.

Lisa Bruce foi produtora executiva de *Sexo Sem Compromisso* (de Ivan Reitman, com Natalie Portman, Ashton Kutcher, Kevin Kline e Lake Bell), *A Lei das Ruas* (de Dito Montiel, com Channing Tatum e Terrence Howard), *The Hollow* (de Miles Doleac, estrelado por James Callis) e *Meus Dias Incríveis* (de Dante Ariola, estrelado por Colin Firth e Emily Blunt). Foi coprodutora de *De Repente é Amor* (de Nigel Cole, com Ashton Kutcher e Amanda Peet), *Caso 39* (de Christian Alvart, estrelado por Renée Zellweger e Jodelle Ferland) e *O Clube do Imperador* (de Michael Hoffman, estrelado por Kevin Kline).

Foi coprodutora de *Livre para Amar* (Gavin O'Connor), filme independente que teve estreia mundial no Festival de Cinema de Sundance de 1999 e foi uma das histórias de sucesso especializado daquele ano. Janet McTeer foi indicada para o Oscar® na

categoria de Melhor Atriz e ganhou o Globo de Ouro®, entre outras honras. Kimberly J. Brown ganhou prêmio Independent Spirit na categoria de Melhor Ator Estreante. *Livre para Amar* foi apontado pelo National Board of Review como um dos 10 Melhores Filmes do Ano e Janet McTeer como Melhor Atriz.

Lisa Bruce foi sócia fundadora da Orenda Films, firma de Nova York que desenvolvia, produzia e administrava a entrega e distribuição mundial de longas-metragens como *The Search for One-Eye Jimmy* (de Sam Henry Kass), *No Way Home* (de Buddy Giovinazzo, estrelado por Tim Roth) e *Bye Bye America* (de Jan Schütte).

Antes de produzir longas-metragens, ela escreveu e dirigiu o documentário *Raw Images*, produziu cinco curtas-metragens, como *Go to Hell* (ganhador do prêmio Student Academy) e escreveu, dirigiu e produziu o premiado curta-metragem *Night's Window*. Foi apresentada no especial da BBC *Women in Film*.

Lisa Bruce já ministrou oficinas internacionais sobre produção independente de longas-metragens nas universidades de Nova York, Columbia, Ohio e Loyola Marymount, e para a Academia de Cinema da Europa Oriental em Groznjan, Croácia, fundada por George Soros.

ANTHONY MCCARTEN (produção)

Anthony McCarten é um dramaturgo, romancista e cineasta premiado, nascido na Nova Zelândia e residente na Inglaterra.

Foi indicado para o Oscar® e o Globo de Ouro® como um dos produtores de *A Teoria de Tudo*, dirigido por James Marsh e indicado na categoria de Melhor Filme, e foi indicado para o Oscar® na categoria de Melhor Roteiro Adaptado, baseado no livro Jane Hawking *Travelling to Infinity: My Life with Stephen*. Eddie Redmayne e Felicity Jones estrelaram no papel de Stephen e Jane Hawking neste filme, que foi indicado para o Globo de Ouro® em quatro categorias e ganhou em duas: Melhor Ator de Drama e Melhor Trilha Sonora Original (Jóhann Jóhannsson), e foi indicado ao Oscar® em cinco categorias e ganhou uma (Melhor Ator). Entre as muitas outras honras que *A Teoria de Tudo* arrebatou no mundo todo, estão 10 indicações para o BAFTA™, com vitória em três: Melhor Ator, Melhor Roteiro Adaptado (Anthony McCarten), e Melhor Filme Britânico. Anthony compartilhou este último com seus colegas.

Seu primeiro internacional sucesso foi com a peça *Ladies' Night*, traduzida para 12 idiomas. É a peça de maior sucesso comercial da Nova Zelândia de todos os tempos. Em 2001, Anthony McCarten ganhou o Molière, prêmio mais importante do teatro de comédia da França.

Seus romances já foram traduzidos para 14 idiomas. Seu primeiro, *Spinners*, foi votado um dos 10 Melhores Romances de 2000 pela Revista Esquire. Em 2005, seu segundo romance, *The English Harem*, tornou-se um *bestseller* internacional. Seu terceiro romance, *Death of a Superhero*, ganhou o prêmio Literatura Juvenil Austríaca de 2008 e foi finalista do prêmio Literatura Juvenil Alemã de 2008. Seu sétimo e último romance, *funny girl*, foi publicado há pouco tempo e recebeu elogios da crítica.

A partir de seu livro, adaptou e fez a produção executiva de *A Morte do Super-Herói*, longa-metragem dirigido por Ian Fitzgibbon e estrelado por Andy Serkis, Thomas Brodie-Sangster e Aisling Loftus. O filme foi indicado para o prêmio Irish Film and Television em três categorias: Melhor Filme, Melhor Diretor e Melhor Ator Coadjuvante (Michael McElhatton). Ele também adaptou de seu próprio livro o longa-metragem *The English Harem*, dirigido por Robin Sheppard e estrelado por Martine McCutcheon e Art Malik.

Anthony McCarten escreveu e dirigiu *Show of Hands*, adaptado de um de seus romances, estrelado por Craig Hall e indicado para três prêmios New Zealand Film e TV: Melhor Longa-metragem, Melhor Atriz (Melanie Lynskey) e Melhor Diretor. Também adaptou e dirigiu o longa-metragem *Via Satellite* de sua própria peça, estrelado por Karl Urban e Danielle Cormack. O filme ganhou dois Prêmios New Zealand Film e TV: Melhor Atriz Coadjuvante (Jodie Dorday) e Melhor Montagem.

Além do roteiro original de *O Destino de uma Nação*, escreveu *Darkest Hour*, narrativa de não ficção que será publicada em capa dura em outubro de 2017 pela Viking e *paperback* pela Pinguim em dezembro de 2017.

DOUGLAS URBANSKI (produção)

Douglas Urbanski é empresário de teatro, contador de histórias, produtor de cinema e ator ocasional.

Foi um dos produtores de teatro mais ativos dos circuitos da Broadway e Londres durante a década de 1980 e apresentou peças de Tennessee Williams, Harold Pinter, Noel Coward, Herman Wouk, Anton Chekhov, Michael Frayn, Eugene O'Neill e Jerome Kern & Oscar Hammerstein. Entre os atores de suas produções, podemos citar Geraldine Page, Peter Ustinov, Charlton Heston, Jack Lemmon, Vanessa Redgrave, Rex Harrison, Claudette Colbert, Maggie Smith, Glenda Jackson, Joan Plowright, Donald O'Connor, Ian McKellen e Lauren Bacall. Os espetáculos receberam várias indicações para os prêmios Tony e Evening Standard Theater.

Com Gary Oldman, produziu o longa-metragem *Violento e Profano*, estreia de Gary Oldman como diretor e roteirista, escolhido para estrear mundialmente como filme da primeira noite do Festival Internacional de Cinema de Cannes de 1997 (50º aniversário), em que Kathy Burke, atriz principal do filme, ganhou o prêmio de Melhor Atriz. Depois, o filme ganhou o prêmio Channel Four Director do Festival Internacional de Cinema de Edimburgo, seis indicações para o Cinema Britânico Independente – BIFA (com três vitórias, inclusive para Kathy Burke e os atores Ray Winstone e Laila Morse), o prêmio BAFTA™ (Melhor Roteiro Original) e o prêmio BAFTA™/ Alexander Kordum na categoria de Melhor Filme Britânico do Ano (este último compartilhado por Gary Oldman e Douglas Urbanski).

Entre as produções seguintes da equipe está *A Conspiração* (de Rod Lurie, estrelado por Joan Allen e Jeff Bridges). O filme recebeu duas indicações para o Oscar®, duas para o Globo de Ouro® e três para o Screen Actors Guild™ (inclusive o de Melhor Ator Coadjuvante para Gary Oldman), e o elenco e o diretor/roteirista foram homenageados com o prêmio Alan J. Pakula da Broadcast Film Critics Association.

Entre outros projetos da equipe, Douglas Urbanski fez a produção executiva de *O Espião que Sabia Demais* (de Tomas Alfredson), que recebeu três indicações para o Oscar® e 11 indicações para o BAFTA™, inclusive na categoria de Melhor Ator (Gary Oldman) em ambos e ganhou prêmio BAFTA™ nas categorias de Melhor Filme Britânico e Melhor Roteiro Adaptado.

Também atuou em *A Rede Social*, filme premiado com o Oscar®, com direção de David Fincher e roteiro de Aaron Sorkin, no papel de Larry Summers, ex-presidente de Harvard.

ANTHONY McCARTEN (Roteiro)

Vide biografia acima.

BRUNO DELBONNEL, AFC, ASC (Diretor de Fotografia)

Bruno Delbonnel já foi indicado ao Oscar® de Melhor Diretor de Fotografia. Essas indicações vieram do seu trabalho como diretor de fotografia em *Inside Llewyn Davis: Balada de um Homem Comum* (de Joel e Ethan Coen), *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (de David Yates), *Eterno Amor* e *Amélie* (ambos de Jean-Pierre Jeunet),

Este último longa-metragem, falado em francês, tem como título completo *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*, e foi o primeiro a chamar atenção da comunidade do cinema mundial para Bruno Delbonnel. Sua fotografia no filme ganhou o prêmio European

Film e indicações para o BAFTA™ e Sociedade Americana de Cinematógrafos (ASC). Ele ganhou os prêmios ASC e César prêmio (equivalente ao Oscar® na França) por seu trabalho em *Eterno Amor*, e foi indicado para o prêmio mais uma vez para o ASC e o BAFTA™ por *Inside Llewyn Davis: Balada de um Homem Comum*. Por este último, também ganhou prêmios de Melhor Fotografia da Sociedade Nacional de Críticos de Cinema e do Círculo de Críticos de Cinema de Nova York.

Ele trabalhou com os Irmãos Coen pela primeira vez no segmento “Tuileries” do longa-metragem *Paris, Te Amo*, e está trabalhando com eles de novo em *The Ballad of Buster Scruggs*.

Também tem uma antiga parceria com Tim Burton, com três filmes do diretor: *Sombras da Noite*, *Grandes Olhos* e *O Lar das Crianças Peculiares*.

É formado pela Escola de Cinema ESEC de Paris, e, entre seus filmes como cinematógrafo estão o épico musical *Across the Universe* (de Julie Taymor), *Confidencial* (de Douglas McGrath), *Fausto* (de Aleksandr Sokurov), *O Miado do Gato* (de Peter Bogdanovich), *Ni pour, ni contre* (de Cedric Klapisch), *Marie, Nonna, La Vierge et Moi* (de Francis Renaud), *C'est Jamais Loin* (de Alain Centonze, estrelado por Jean-Louis Trintignant) e *Tout le Monde n'a pas eu la Chance d'avoir des Parents Communistes* (de J.J. Zilberman), seu primeiro longa-metragem como diretor de fotografia.

SARAH GREENWOOD (design de produção)

O Destino de uma Nação é a nona parceria de Sarah Greenwood com o diretor Joe Wright. Antes, eles trabalharam juntos em *Orgulho e Preconceito*, *Desejo e Reparação* e *Anna Karenina*, todos indicados para o Oscar®. Por *Desejo e Reparação*, ela ganhou o prêmio BAFTA™; por *Desejo e Reparação* e *Anna Karenina*, dividiu um prêmio Evening Standard do Cinema Britânico na categoria de Melhor Realização Técnica. Por *Anna Karenina*, também ganhou prêmios Art Directors Guild na categoria de Excelência em Direção de Arte (Filme de Época) e Escolha da Crítica na categoria de Melhor Direção de Arte, que dividiu com sua colega de longa data, a cenógrafa Katie Spencer.

Entre outros projetos da sua carreira dirigidos por Joe Wright estão *Hanna*, *O Solista* e as minisséries *Nature Boy*, *Bodily Harm* e *Charles II: The The Power & the Passion*. Foi indicada para o prêmio BAFTA™ por seu trabalho neste último.

Sua primeira indicação para o prêmio BAFTA™ foi como designer de produção de Mike Barker na minissérie *The Tenant of Wildfell Hall*, pelo qual ganhou prêmio da Royal Television Society.

Também foi designer de produção em *A Vida Num Só Dia* (dirigido por Bharat Nalluri),

pelo qual ganhou o prêmio Hollywood, *Keep the Aspidistra Flying* (de Robert Bierman), *After Miss Julie* (de Patrick Marber, canal BBC), *A Governanta* (de Sandra Goldbacher), *This Year's Love* e *O Último Romântico* (ambos de David Kane), *Garoto Nota 10* (de Tom Vaughan, estrelado por James McAvoy, Alice Eve e Rebecca Hall), *Nosso Fiel Traidor* (de Susanna White) e dois filmes *Sherlock Holmes* de Guy Ritchie, o primeiro dos quais lhe rendeu um prêmio Art Directors Guild e uma indicação para o Oscar®.

Seu filme mais recente como designer de produção, também em parceria com Katie Spencer, foi o épico musical de Bill Condon *A Bela e a Fera*, que faturou mais de 1,2 bilhões de dólares no mundo todo.

Sarah Greenwood formou-se bacharel pela Escola de Arte de Wimbledon e, depois, trabalhou muito em produções teatrais. Depois disso, foi designer na BBC. Também já trabalhou em comerciais da televisão.

VALERIO BONELLI (montagem)

O Destino de uma Nação é a segunda parceria consecutiva de Valerio Bonelli com o diretor Joe Wright, após o episódio “Nosedive” da série de televisão *Black Mirror*, estrelado por Bryce Dallas Howard.

Ele também trabalhou várias vezes com o diretor Stephen Frears, montando os longas-metragens *Philomena* (indicado ao Oscar® em quatro categorias, inclusive a de Melhor Filme), *Programado Para Vencer* e *Florence: Quem é Essa Mulher?* (estrelado por Meryl Streep, indicada para o Oscar®).

Entre seus outros longas-metragens como montador, estão os documentários de Cosima Spender *Palio* (pelo qual ganhou prêmio do Festival de Cinema de Tribeca de 2015 na categoria de Melhor Montagem de Documentário de Longa-Metragem), *The Importance of Being Elegant* (codirigido por George Amponsah) e *Without Gorky, Sedução* (de Jordan Scott, estrelado por Eva Green, Juno Temple e Maria Valverde), *Viceroy's House* (de Gurinder Chadha), *Redenção* (de Steven Knight, estrelado por Jason Statham), *Hannibal – A Origem do Mal* (de Peter Webber), *Fuga Implacável* (de Mabrouk El Mechri, estrelado por Bruce Willis e Henry Cavill), *Incendiário* (de Sharon Maguire, estrelado por Michelle Williams) e *Caindo no Mundo* (de Ricky Gervais e Stephen Merchant). Refez parceria com Ricky Gervais como montador do episódio piloto da série *Derek* (canal Netflix).

Além de seu trabalho com longas-metragens, ele montou muitas curtas, como *Breaking Out* e *The Look of Happiness*, de Marianela Maldonado.

Foi comontador *Perdido em Marte* (de Ridley Scott), também indicado para o Oscar® na categoria de Melhor Filme. No início da carreira, trabalhou no departamento de

montagem de vários filmes de Ridley Scott, como *Hannibal*, *Falcão Negro em Perigo* e *Gladiador* (vencedor do Oscar® na categoria de Melhor Filme).

JACQUELINE DURRAN (figurinos)

Jacqueline Durran já havia desenhado figurinos para *Orgulho e Preconceito*, *Desejo e Reparação* e *Anna Karenina*, de Joe Wright. Todos os três filmes foram indicados para o Oscar® e o BAFTA™, e Jacqueline Durran ganhou esses dois mesmos prêmios por seu trabalho em *Anna Karenina*, além de prêmios do Costume Designers Guild (Excelência em Filme de Época) e Escolha da Crítica (Melhor Figurino), entre outras honras. Também ganhou o prêmio Satellite por *Orgulho e Preconceito*, foi indicada para prêmio do Costume Designers Guild e ganhou um prêmio Evening Standard do Cinema Britânico em categoria de realização técnica (dividido com o cinematógrafo e o designer de produção do filme) por *Desejo e Reparação*.

Ela também trabalhou com Joe Wright em *Peter Pan* e no lançamento da Working Title *O Solista*, desenhou os figurinos de *Nanny McPhee e as Lições Mágicas* (também da Working Title, dirigido por Susanna White) e desenhou os figurinos de *O Espião que Sabia Demais* (dirigido por Tomas Alfredson e estrelado por Gary Oldman). Por seu trabalho neste último, foi indicada novamente para o prêmio BAFTA™.

Recentemente, ela foi figurinista do épico musical *A Bela e a Fera* (de Bill Condon), que faturou mais de 1,2 bilhões de dólares no mundo todo.

Seu primeiro longa-metragem como figurinista foi em *Agora ou Nunca*, de Mike Leigh. Desde então, voltou a trabalhar com Mike Leigh em *O Segredo de Vera Drake* (pelo qual ganhou o prêmio BAFTA™ de Melhor Figurino), *Simplesmente Feliz, Mais Um Ano*, o curta-metragem *A Running Jump, Mr. Turner* (mais uma vez indicada para o Oscar®, BAFTA™ e Escolha da Crítica) e o mais novo *Peterloo*.

Entre seus outros longas-metragens como figurinista, estão *O Jovem Adam* (de David Mackenzie), *Yes* (de Sally Potter), *O Duplo* (de Richard Ayoade), *Macbeth: Ambição e Guerra* (de Justin Kurzel, pelo qual foi novamente indicada para o prêmio Satellite) e *Mary Magdalene* (de Garth Davis).

Antes desses filmes, ela foi figurinista assistente em *Topsy Turvy – O Espetáculo* (de Mike Leigh, premiado com o Oscar®), *Lara Croft: Tomb Raider* (de Simon West), *Star Wars: Episódio 2 – Ataque dos Clones* (de George Lucas) e *007 – Um Novo Dia Para Morrer* (de Lee Tamahori).

IVANA PRIMORAC (maquiagem e cabelo)

Ivana Primorac já foi indicada seis vezes para o BAFTA™ de Melhor Maquiagem e Cabelo, por seu trabalho em *A Fantástica Fábrica de Chocolate* e *Sweeney Todd: O Barbeiro Demoníaco da Rua Fleet* (ambos de Tim Burton e estrelados por Johnny Depp e Helena Bonham Carter), *Cold Mountain* (de Anthony Minghella, estrelado por Jude Law, Nicole Kidman e Renée Zellweger, ganhadora do Oscar®), *As Horas* (de Stephen Daldry, estrelado por Nicole Kidman, ganhadora do Oscar®) e *Desejo e Reparação* e *Anna Karenina* (ambos dirigido por Joe Wright).

Entre outros filmes do seu currículo como cabeleireira e maquiadora, estão *Hanna* e *Peter Pan* (de Joe Wright), o premiado *O Jogo da Imitação* (de Morten Tyldum), *Steve Jobs* e *T2 Trainspotting* (de Danny Boyle), *Um Dia* (de Lone Scherfig, estrelado por Anne Hathaway), *O Pior dos Pecados* (de Rowan Joffe), *Tão Forte e Tão Perto* (de Stephen Daldry) e *O Leitor* (de Stephen Daldry, estrelado por Kate Winslet, ganhadora do Oscar®), *A Outra* (de Justin Chadwick), *Invasão de Domicílio* (de Anthony Minghella), *O Último Mestre do Ar* (de M. Night Shyamalan) e *Sombras de Goya* (de Milos Forman, estrelado por Natalie Portman e Javier Bardem). Por este último, foi indicada para o prêmio Goya.

Também trabalhou em filmes como *O Senhor dos Anéis – O Retorno do Rei* (de Peter Jackson, filme premiado com o Oscar®), *O Libertino* (de Laurence Dunmore, estrelado por Johnny Depp), *A Vila* (de M. Night Shyamalan), *Intimidade* (de Patrice Chéreau), *Billy Elliot* (de Stephen Daldry), *Gladiador* (de Ridley Scott, filme premiado com o Oscar®), *Zona de Conflito* (de Tim Roth), *Elizabeth* (de Shekhar Kapur), *Sonhos de Uma Noite de Inverno* (de Kenneth Branagh), *Entre Elas...* (de Nancy Meckler), *O Fracasso é um Sucesso* (de Chris Menges), *Rosencrantz & Guildenstern Estão Mortos* (escrito e dirigido por Tom Stoppard) e vários filmes estrelados por Kate Winslet, participando da elaboração dos estilos de cabelo e maquiagem das caracterizações da atriz.

Ivana Primorac foi maquiadora da remontagem de *A Morte do Caixeiro Viajante* (de Arthur Miller), espetáculo ganhador do prêmio Tony dirigido por Mike Nichols e estrelado por Philip Seymour Hoffman, do episódio “Nosedive” da série de televisão *Black Mirror*, dirigido por Joe Wright e estrelado por Bryce Dallas Howard, e de todos os episódios da elogiada série *The Crown* (canal Netflix), pela qual Claire Foy e John Lithgow ganharam prêmios do Screen Actors Guild™.

KAZUHIRO TSUJI (próteses, maquiagem e cabelo de Gary Oldman)

Kazuhiro Tsuji já foi indicado duas vezes para o Oscar® por seu trabalho com maquiagem: por *Clique* (estrelado por Adam Sandler e dirigido por Frank Coraci) e *Norbit* (estrelado por Eddie Murphy e dirigido por Brian Robbins). Ele dividiu essas indicações com os artesãos Bill Corso e Rick Baker, respectivamente.

Nasceu em Kyoto, Japão, foi um pioneiro autodidata da arte de usar material contemporâneo para criar a ilusão de vida. Descobriu a arte da maquiagem com efeitos especiais na adolescência, enquanto olhava revistas americanas, e desenvolveu suas técnicas por meio de imitação, tentativa e erro. Em 1987, encontrou o endereço do lendário maquiador Dick Smith na Revista *Fangoria* e iniciou um relacionamento entre aluno e mentor por correspondência, que acabou lhe rendendo seu primeiro trabalho no cinema, logo depois de terminar o colegial.

Fundou uma das primeiras empresas desse ramo no Japão, a Makeup and Effects Unlimited, trabalhando com o celebrado diretor Akira Kurosawa na produção de *Rapsódia em Agosto* e lecionando as primeiras aulas da nova técnica no recém-fundado Instituto Yoyogi de Animação.

Em 1996, foi convidado por Rick Baker para trabalhar em *Homens de Preto* (dirigido por Barry Sonnenfeld) nos Estados Unidos. Foi o início de uma parceria de dez anos, trabalhando como supervisor de projeto e maquiador. Sua equipe foi indicada para o prêmio BAFTA™ por *Planeta dos Macacos* (dirigido por Tim Burton) e dividiu um prêmio BAFTA™ em *O Grinch* (dirigido por Ron Howard). Esses dois longas-metragens ganharam prêmios do Hollywood Makeup Artist and Hair Stylist Guild Prêmios. Em 2007, ele abriu sua própria empresa, a KTS Effects Inc., em Los Angeles.

Hoje, se vê que a carreira de Kazuhiro no cinema serviu de laboratório para o desenvolvimento de estilos avançados de pintura de retrato, fotografia e escultura, que resultou em uma parceria com o artista contemporâneo Paul McCarthy, onde supervisionou o que se tornaria um importante corpo de trabalho de McCarthy.

Desde 2012, depois de mais de 25 anos trabalhando como artista de maquiagem com efeitos especiais em Hollywood, Kazuhiro se dedica a escultura de belas artes. Ele usa resina, silicone platina e muitos outros materiais na construção de retratos tridimensionais com o dobro da escala real. Ele agora vive e trabalha em Los Angeles como escultor hiperrealista contemporâneo e produz retratos em grande escala em seu estúdio personalizado de modelagem e confecção em Los Angeles. Seu trabalho já foi exposto em alguns dos mais importantes museus e feiras de arte.

O Destino de uma Nação

ELENCO

Winston Churchill	GARY OLDMAN
Clemmie	KRISTIN SCOTT THOMAS
Rei George VI	BEN MENDELSON
Elizabeth Layton	LILY JAMES
Neville Chamberlain	RONALD PICKUP
Visconde de Halifax	STEPHEN DILLANE
Sir John Simon	NICHOLAS JONES
Sir Anthony Eden	SAMUEL WEST
Clement Atlee	DAVID SCHOFIELD
General Ismay	RICHARD LUMSDEN
General Ironside	MALCOLM ALSTON
Arthur Greenwood	HILTON McRAE
Sir Samuel Hoare	BENJAMIN WHITROW
John Evans	JOE ARMSTRONG
Marechal-do-Ar Dowding	ADRIAN RAWLINGS
Almirante Ramsay	DAVID BAMBER
Almirante Dudley Pound	PAUL LEONARD
Presidente Roosevelt	DAVID STRATHAIRN
Tom Leonard	ERIC MacLENNAN
Sawyers	PHILIP MARTIN BROWN
Secretário de Gabinete Bridges	DEMETRI GORITSAS
Randolph Churchill	JORDAN WALLER
Diana Churchill	ALEX CLATWORTHY
Mary Churchill	MARY ANTONY
Sarah Churchill	BETHANY MUIR
Pamela Churchill	ANNA BURNETT
Lord Stanhope	JEREMY CHILD

Lorde Kingsley Wood	BRIAN PETTIFER
Lorde Londonderry	MICHAEL GOULD
Orador da Câmara dos Comuns	PAUL RIDLEY
Ernie Hastings	ROBIN PEARCE
Cavaliariço	MICHAEL BOTT
Reynaud	OLIVER BROCHE
Daladier	MARIO HACQUARD
Produção da BBC	PIP TORRENS
Ator	EDMUND WISEMAN
Abigail Walker	HANNAH STEELE
Alice Simpson	NIA GWYNNE
Marcus Peters	ADE HAASTRUP
Maurice Baker	JAMES EELES
Jessie Sutton	FLORA NICHOLSON
Garota no metrô	BRONTE CARMICHAEL
Agnes Dillon	ROISIN O'NEILL
Oliver Wilson	JOHN LOCKE
Margaret Jerome	JOANNA NEARY
Brigadeiro Nicholson	RICHARD GLOVER
Assistente de Ramsay	TOM ASHLEY
Repórter	JOSHUA HIGGOTT
Garota adolescente no mapa do metrô	IMOGEN KING
Oficial da sala de mapas naval	MILES GALLANT
Sybil	FAYE MARSAY
Sir Alexander Cadogan	JOHN ATTERBURY
AD Nicholl (Secretário #1)	JAMES HARKNESS
W D Wilkinson (Secretário #2)	JOSHUA JAMES
Christopher Wilson (fotógrafo)	CHARLEY PALMER ROTHWELL
Empregada	PATSY FERRAN
Cozinheira	SARAH FLIND
Deputado da bancada	STEFFAN DONNELLY

Cecil Beaton KIERAN BUCKERIDGE
 Coordenação de dublês JAMIE EDGELL

Dublês

JAMIE EDGELL ANDREW BURFORD
 ADAM SMITH NICK ROETEN
 JAMES O'DALY CHRISTIAN KNIGHT
 ANDY GODBOLD LENNY WOODCOCK

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Direção JOE WRIGHT
 Produção TIM BEVAN
 ERIC FELLNER
 LISA BRUCE
 ANTHONY McCARTEN
 DOUGLAS URBANSKI
 Roteiro ANTHONY McCARTEN
 Produção executiva JAMES BIDDLE
 LUCAS WEBB
 LIZA CHASIN
 Direção de fotografia BRUNO DELBONNEL, AFC, ASC
 Design de produção SARAH GREENWOOD
 Montagem VALERIO BONELLI
 Figurinos JACQUELINE DURRAN
 Maquiadora e Cabeleireira IVANA PRIMORAC
 Próteses, maquiagem e cabelo de Gary Oldman KAZUHIRO TSUJI
 Música DARIO MARIANELLI
 Direção de elenco JINA JAY
 Produtora associada KATHERINE KEATING
 Consultoria histórica JOHN LUKACS

Supervisão de maquiagem prostética de Gary Oldman	DAVID MALINOWSKI
Artista de cabelo e maquiagem prostética de Gary Oldman	LUCY SIBBICK
Gerente de produção de unidade	JO WALLETT
Primeiro diretor assistente	DAN CHANNING WILLIAMS
Segunda diretora assistente	GAYLE DICKIE
Supervisão de pós-produção	TIM GROVER
Contabilidade de pós-produção	TARN HARPER

WORKING TITLE FILMS

Chefe de produção	SARAH-JANE ROBINSON
Chefe de filmagem	AMELIA GRANGER
Vice-presidente de assuntos comerciais e jurídicos	SHEERAZ SHAH
Chefe de finanças	SHEFALI GHOSH
Consultoria jurídica de assuntos comerciais e jurídicos	BEATRICE GIBSON
Executiva de desenvolvimento	HARRIET KATIE SPENCER
Executivo de produção	SANJAY SHARMA
Gerente de finanças	ZSUZSA GRUNDY
Assistente de Tim Bevan	VICTORIA ENDACOTT
Assistentes de Eric Fellner	GEORGIA POWNALL INDIA FLINT

Supervisão da direção de arte	NICK GOTTSCHALK
Diretores de arte	OLIVER GOODIER JOE HOWARD
Diretores de arte assistentes	ISONA RIGAU MATT ROBINSON
Direção de arte em standby	EMMA MacDEVITT
Artistas de esboço	JAMES COLLINS BETHAN JONES
Coordenação do dep. de arte	TAMARA CATLIN-BIRCH
Assistentes do dep. de arte	LOTTIE GELIOT MARIE BOON
Cenografia	KATIE SPENCER
Assistente de cenografia	NETTY CHAPMAN
Compras de produção	ELLY MEYRICK
Assistente de compras	SHUROUQ ALGUSANE
Desenho gráfico	GEORGINA MILLETT
Assistente de arte gráfica	ESMERALDA POWER
Sup. de modelagem de contrarregra	MATT BOYTON
Modelagem de contrarregra	BILLY NOONAN
Pintura de contrarregra	JAMES WICKISON
Cortinas	MATT ASKEY
Encarregada de cenografia	DELIA O'BRIEN
Encarregado de propriedade	DENNIS WISEMAN
Encarregado de propriedade assistente	STEVE MORRIS
Capatazia de contrarregra	GARY GREENHAM
Agentes adicionais de contrarregra	PAUL GREENHAM
Almoxarifado de contrarregra	CHRISTIAN McDONALD
Assist. almoxarifado de contrarregra	MITCHELL HOLDER
Contrarregra de cenografia	JACK SALKELD

Contrarregra de cenografia	ALAN ARNOLD LLOYD PASSFIELD PAUL BURROWS THOMAS MORIARTY
Estagiário de contrarregra	DALE WALTERS
Encarregado de contrarregra	DEXTER PLETTS
Carpinteiro em standby	MATT BAILEY
Pintor em standby	SIMON HUTCHINGS
Construtor em standby	DARREN COOMBER
Operação de câmera	DES WHELAN
1º operador de câmera assistente	JULIAN BUCKNALL
2º operador de câmera assistente	DAVID PEARCE
Técnico de imagem digital	PETER MARSDEN
Carga central	TOBY MCKAY
Estagiário de câmera	ALFIE OLDMAN
Operação de vídeo	DYLAN JONES
Assistente de vídeo	JOE COFFEY
Eletricista-chefe	CHUCK FINCH
Auxiliar de iluminação	STEVE WOOD
Arranjo e construção	ANDY SIDDALL TOMMY FINCH
Chefe de dep. arranjo e construção	SIMON DUTTON
Eletricistas	PERRY CULLEN JACK RIDOUT DAVE CORMACK RYAN NEWMAN
Operação de Genny	PETE WEST
Eletricista capataz	TONY JONES

Eletricista construtor em standby	JOEL HILLS
Chefe de dep. de eletricitas práticos	KEVIN FITZPATRICK HARRY LANGSTON
Maquinista chefe	PAUL HYMNS
Maquinista auxiliar	DAVE WELLS
Maquinistas de câmara "B"	SIMON MUIR JAMES NEALE
Técnico de Stabileye	JOE MARSDEN
Maquinista estagiário	PETER HAYLEY-BARKER
Mixagem de som	JOHN CASALI
Primeiro assistente de som	CHRIS MURPHY
Segundo assistente de som	ALAN MacFEELY
Supervisão de efeitos especiais	NEAL CHAMPION
Técnico de efeitos especiais	PAUL CLAYTON
Supervisão de figurino	GEORGINA GUNNER
Figuristas assistentes	ANDREA CRIPPS PAUL YEOWELL
Figuristas principais em standby	OLIVER SOUTHALL EMILY THOMSON EMMA HEATH
Figurista júnior em standby	AMBER BRABANT
Supervisão de figurinos de figurantes	CAT LOVETT
Coordenação de figurinos	CLAIRE WATSON
Provedora de figurantes	CARIN HOFF LISA SHANLEY JO RODDERICK DICKY BASS
Supervisão de figurantes em standby	HALEY STEWART

	AMY GIBSON
Estagiárias de figurino	GABRIELLA MALEWSKA ALICE DRISCOLL
Supervisão de cabelo e maquiagem de figurantes	CHRISTINE WHITNEY
Maquiadora e cabeleireira chefe	FLORA MOODY
Maquiadora e cabeleireira	HEATHER MANSON
Laboratório de próteses, Los Angeles	VINCENT VAN DYKE EFFECTS
Confecção de moldes	CARL LYON
Técnico de moldes	ROB FREITAS
Moldes em silicone	MANNY LEMUS
Técnico de moldes em silicone	WILL THORNTON
Fabricação de próteses	DDT EFFECTS ESPECIALES
Supervisão de próteses	DAVID MARTI MAYOR MONTSE RIBÉ
Técnicos de próteses	NATALIA AGUILAR JOAN GARCÍA
Produção de próteses	PAULA COMESAÑA
Confecção de trajés	SUPER SUIT FACTOR
Confecção de perucas	BOB KRETSCHMER DIANA YUNSOO CHOI
Coordenação de pós-produção	DIARMUID HUGHES
Primeiro montador assistente	TOMMASO GALLONE
Segundo montador assistente	ABBIE HAWKINS
Direção de segunda unidade	THOMAS NAPPER
Direção de 2ª unidade de fotografia	CARLOS DE CARVALHO
1º diretor assistente de 2ª unidade	TOM EDMONDSON
Supervisão de script	PHOEBE BILLINGTON

Coordenação de produção	OLIVER COCKERHAM
Coordenadores assist. de produção	ALEX CARRODUS-COOK LINDY CHAMBERS MARK BRENNAN
Secretário de produção	SAMUEL HARMAN
Assistente do Sr. Wright	MICHAEL WILSON
Assistente da Sra. Bruce	PAULA MCGANN
Assistente do Sr. Oldman	GISELE SCHMIDT
Segunda diretora assistente adicional	SARAH MOONEY
Assistentes de produção	ABBY VICKERS OLIVER STOTTER CHARLOTTE NICHOL JESS LINK DAVID SOWERBY
Stand-Ins	AIDAN WHITE JAMES EXCELL ALICIA GRAF
Gerente de supervisão de locação	ADAM RICHARDS
Gerentes de locação	BEN MANGHAM JOSEPH CAIRNS JAMES BUXTON
Gerentes assistentes de locação	VICTORIA WILSON RUBY WHITELOCKE AARON SUTTER
Gerente de locação de unidade	ALEX DARBY
Coordenação de locação	CLAIRE LIVINGSTONE
Assistentes de locação	JULIAN BIVOL MATT GREEN
Encarregado de locação	JOEL FITZPATRICK

Controladoria financeira	CRAIG BARWICK
Contabilidade de produção	DAN BUDD
Contabilidade da folha de pagamento	TANYA MELLOTTÉ
Contadora assistente	ANE STUBBERUD
Assistente de contas	PENNY UDALL
Direção de elenco de figurantes	CANDY MARLOWE
Assistente pessoal de figurantes	GEORGIA LEWIS
Assistentes de supervisão de elenco	ALICE O'DONOGHUE JESSIE FROST
Publicista de unidade	SASHA GIBSON
Fotografia	JACK ENGLISH
Instrução de diálogos e dialetos	EMMA WOODVINE JAMIE MATTHEWMAN
Professor de canto de Gary Oldman	MICHAEL E. DEAN
Gerente de construção	STUART WATSON
Coordenação/compras de construção	STEPHANIE GIBBINS
Chefe de carpintaria, Ealing	LEIGH THURBON
Chefe de carpintaria, Leavesden	STEVE WILSON
Supervisão de carpintaria	DOMINIC PIKE
Capataz de carpintaria	SAM WELLS
Carpinteiros	ALEXANDER ABELMAN CARL ALSOP CHRIS BROUGH ADAM COOMBS GRANT CORT JACK DEHAAN DAVID GIBSON

	DARREN HAYWARD
	THOMAS HENDERSON
	GAVIN HOSLER
	BEN LEIGH
	PAUL LYNFORD
	KEVIN McNEIL
	DAVID NEWELL
	PETER NEWMAN
	JOSH O'NEILL
	TOM O'NEILL
	JOHN GARY PLEDGER
	ROBERT SANSOM
	GRAHAM SHEPPERDLY
	ALEX WELLS
	SCOTT WILLIAMS
	ANDY WRIGHT
Aprendiz de carpintaria	HARRY FULBROOK
Chefe do dep. de pintura, Ealing	JOHN DAVIES
Chefe do dep. de pintura, Leavesden	DAVID HAYNES
Encarregados de pintura	GUY RUTTER
	JOHN HAYNES
Pintores	JAMIE DAVIES-EVANS
	GLYN EVANS
	PAUL GUNNER
	BILLY HANCOX
	GARRY HIGGINS
	JAMES HOGAN
	STEPHEN MARQUISS
	DANIEL MONTAGUE
	MATTHEW PARSONS
	NICK PEARCE

	RAYMOND SHEEHAN
	LANCE SMITH
	AMANDA WADDINGTON
Chefe do dep. de obras em gesso	JAMIE CHURCHOUSE
Obras em gesso	NIGEL HENDERSON
	JAMIE HUGHES-GAGE
	PETER LANGFORD
	VINCENT LEE
	GEORGE LEIGH
	TERRY PARSLOW
	SCOTT RILEY
	DEREK SMITH
	CHRISTOPHER THOMASSON
Construtores	ROY ELSTON
	IAN HILLS
	RAY HILLS
	MARTIN OLIVER
Supervisão de mão de obra	EDDIE O'NEIL
Mão de obra nível NVQ	CLIVE DRINKALL
	JOHN KEENAN
Auxiliares de construção	GERARD O'CONNOR
	NEIL ROBERTSON
	RICHARD ALSOP
Supervisão de veículos do filme	BEN DILLON
Coordenação de veículos do filme	STUART MORGAN
Assistente de veículos do filme	DANIEL MORRIS
Chefes de transporte	ALLAN BRADSHAW
	MARK JONES
	HOWARD CAWTHORNE

Motoristas	MURRAY ASTON TONY COOPER JOHN DAWSON KEVIN O'KEEFFE TED TAYLOR
Liberações	JEVA FILMS CASSANDRA SIGSGAARD MARTIN HEBERDEN ASHA RADWAN
Consultoria jurídica	WIGGIN LLP GRÁINNE McKENNA CHARLENE McQUILLAN BETH WYLIE
Pesquisa	REBECCA CRONSHEY
Consultoria histórica	PHIL REED
Pesquisa e desenvolvimento visual	PHIL CLARK
Orientação de saúde e segurança	DOUG YATES MICK HURRELL
Médico da unidade	DAVE MORLEY
Coord. de patrimônio/vegetação	CLAIRE SCOTT
Dir. de fotografia de tomadas aéreas	JEREMY BRABEN
Coordenação aérea	MIKE WOODLEY
Coordenação de marinha	IAN CREED
Instalações e caminhões técnicos	TRANSLUX INTERNATIONAL
Serviço de alimentação	J&J INTERNATIONAL CHORLEY BUNCE
Serviço de bufê	JOE'S VINTAGE COFFEE VAN DARREN QUERALT

Supervisão de montagem de som	CRAIG BERKEY BECKI PONTING
Engenharia de som	PAUL CARTER
Assistente de montagem de som	OSKAR VON UNGE
Montagem de diálogos	MICHAEL MAROUSSAS
Mixagem de ADR	MARK APPLEBY
Superv. de montagem de sonoplastia	DANNY SHEEHAN
Montagem de sonoplastia	ROB TURNER
Escolha do elenco de voz - ADR	BLEND AUDIO
Sonoplastia	BARNABY SMYTH
Mixagem de sonoplastia	KEITH PARTRIDGE
Mixagem de regravação	CRAIG BERKEY PAUL COTTERELL
Regravações feitas em	HALO POST PRODUCTION
Efeitos visuais	FRAMESTORE
Supervisão de efeitos visuais	STEPHANE NAZÉ
Produção de efeitos visuais, Montreal	WARWICK HEWETT SEBASTIEN RACINE
Produção de efeitos visuais, GB	MARA BRYAN
Supervisão de computação gráfica	BENJAMIN MAGANA
Supervisão de composite	GUILLAUME TERRIEN
Produção de linha de efeitos visuais	DON KENNEDY
Coordenação de efeitos visuais	PATRICIA LEBLANC MARIA SAADE
Assist. de produção de efeitos visuais	ANNE-MARIE OUELLET
Modelagem	WAYNE KRESIL
Textura	LAURENCE SMITH MARTIN PÉLISSIER
Equipe de Matchmove	ANTHONY GRECO

	SEBASTIAN HINGSTON
Animação, multidões e efeitos	THIERRY DEZARMENIEN
Direção técnica de figurantes	PHILIP MELANCON
Direção técnica de efeitos	CODY STOOF
Pintores de matte digital	BRUNO LAFLAMME
	ÉTIENNE GODIN
Pintura e roscopia	JUSTIN HEBERT
	YAN C. HIRSCHBUEHL
	YANNICK BISSONNETTE
	YULIA I. A. KONDRATOVA
Equipe de composição digital	BJÖRN GOTTWALD
	ALEX JADFARD
	SHAIENDRA PANDEY
	CAROL WU
	TRACIE DONAIS
Dailies digitais fornecidos por SERVICES LONDRES	TECHNICOLOR PRODUCTION
Supervisão de cor digital	PETER DOYLE
Colorista de dailies	MEL KANGLEON
Operação de dailies	MAIKEL POPIC
Produção de dailies	CHARLOTTE LLEWELYN
Gerente de operações técnicas	CHEMA GOMEZ
Intermediário digital fornecido por LONDRES	TECHNICOLOR CREATIVE SERVICES
Supervisão de cor digital	PETER DOYLE
Montagem de intermediário digital	JENNY-JAYNE CACHERO
Gerente de dados de efeitos visuais	JOHN BENTLEY
Produção de intermediário digital	CHARLOTTE LLEWELYN
	RACHAEL WATMOUGH

	Letreiros	HINGSTON STUDIO
	Montagem musical	MARK WILLSHER
	Orquestração	DARIO MARIANELLI GEOFF ALEXANDER
	Supervisão musical	MAGGIE RODFORD
	Maestro	DARIO MARIANELLI
WOLLAGE	Trilha gravada e mixada por	AIR LYNDHURST HALL por NICK
	Engenheiros assistentes	FIONA CRUICKSHANK JOHN PRESTAGE ASHLEY ANDREW-JONES
	Copista musical	COLIN RAE
	Contratada da orquestra	HILARY SKEWES
	Líder da orquestra	ROLF WILSON
	Piano	VIKINGUR OLAFSSON
	Montagem musical	MARK WILLSHER
	Assistentes musicais	JESSICA JONES TIM MORRISH
	Assistente de supervisão musical	EMILY APPLETON-HOLLEY

AGRADECIMENTOS

Trajes de Churchill e Rei George fornecidos por Henry Poole & Co. Tailors

Chapéus de Churchill fornecidos por Lock & Co. Hatters

Jóias de Clementine Churchill fornecidas por Bentley & Skinner

Relógios fornecidos por Montres Breguet SA

Horse Attacked by a Lion (1769) de George Stubbs (1724-1806)

© Tate, Londres, 2016

Lord Randolph Churchill de Edwin Longsdon Long

© Galeria Nacional de Retratos, Londres

Pôsteres da Segunda Guerra Mundial © Crown Copyright. Museu de Guerra Imperial.

Imagens por cortesia do Museu de Guerra Imperial

Imagens por cortesia de Bundesfilmarchiv/Transit Film GmbH

Mapas © Conselho da Biblioteca Britânica

Mapas obtidos na Secretaria Hidrográfica do Reino Unido

Fotos fornecidas por Getty

Máquinas de escrever fornecidas por Imperial Typewriter Co Ltd

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Curtis Brown em nome do Legado de Winston S. Churchill

Anoushka Shankar, Zubin e Mohan Shankar Wright,

Lyndie Wright, Sukanya Shankar, Seamus McGarvey,

Dave Evans, Robert Nickson, Eva Maiwald

Este filme empregou estratégias de sustentabilidade que visam à redução de emissões de carbono e impacto ambiental.



Copyright © 2017 Focus Features LLC. Todos os direitos reservados.

A Focus Features LLC é autora deste filme no contexto da Convenção de Berne e todas as leis nacionais em vigor.

As cenas de consumo de tabaco apresentadas neste filme servem unicamente a propósitos de consideração artística e não devem ser interpretadas como promoção do referido consumo.

Autoridades sanitárias determinam que a prática do fumo e a incidência de fumo passivo apresentam graves riscos à saúde.

Embora este filme seja baseado numa história verdadeira, parte do material é obra de ficção.

Este filme é protegido pelas leis dos Estados Unidos e de outros países. Exibição, duplicação ou distribuição não autorizada podem resultar em responsabilidade civil e processo criminal.

Twitter: **@DarkestHour**
#DarkestHour
Facebook: **/DarkestHourFilm**
Instagram: **@DarkestHour**
www.DarkestHourFilm.com

